

# A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO YAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA — MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÑO YAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 35\$00 — Estrangeiro 75\$00 ★ ANO XXIII — N.º 430 — Melgaço, 1 de Agosto de 1969 ★ Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Telef. 22455 - Braga

## NO REGRESSO DA APOLO XI

QUANDO na noite de 15 de Junho espreitava o céu claro desde a imponente praça de S. Marcos de Veneza, com o mar a zumbir a meus pés, pensava no evento maravilhoso que se anunciava para dentro de um mês.

Tudo foi realizado com pleno êxito. A humanidade passará a contar com mais uma das páginas mais grandiosas e maravilhosas da sua história.

Se a proeza científica me entusiasmou, não deixou de penetrar, ainda mais profundamente, a maravilhosa acção praticada pelos astronautas quando dirigiram o apelo para que todos agradecessem ao Senhor segundo o modo que lhes é próprio. Num mundo materializado é um testemunho dos mais sublimes na crença em Alguém que nos governa!

Significativo foi também o apelo à paz e concórdia entre os homens. Resta que os mesmos homens se compenemem que ela só pode existir onde e quando houver um escrupuloso respeito da verdade e da dignidade de cada um dos nossos semelhantes; só quando houver plena conformidade entre o que dizemos e a vida que levamos. Numa palavra: só quando formos autênticos; só quando não estivermos em contradição com os princípios eternos.

Oxalá que, assim como se realizou o sonho de chegar à Lua, se realize também o da paz entre os homens, sonho bem mais difícil que o da conquista do espaço e bem mais importante para o progresso da humanidade!

C. N. V.

## Carta da França

Muitas pessoas amigas e algumas até que eu não conheço, escrevem-me e perguntam qual o motivo porque deixei de escrever para o jornal. Alguma gente já sabe que estive internado numa clínica onde fui submetido a uma intervenção cirúrgica altamente delicada e melindrosa, mas outra, julga que perdi o entusiasmo pela CAMPANHA para a construção do NOVO hospital de Melgaço. Desejo agradecer a todos, as palavras amáveis que me dirigem, bem como a confiança que em mim depositam, e afirmar mais uma vez que mantenho sempre a minha oferta de VINTE MIL escudos para ajudar a construir o hospital e que continuarei a escrever para «A Voz de Melgaço» por amável referência de grande número dos seus leitores. Porém, como várias vezes tenho afirmado, o meu único interesse, é contribuir para a união de todos os Melgacenses, pois tenho grande amor à minha terra e a mais viva simpatia pela gente do meu concelho. E trabalhando apagadamente na minha infinita modéstia, mas singrando orgulhosamente de cabeça bem alta no meu interesse de zelar pelo BEM COMUM, não serei por certo dos que menos consideração mereço dos seus conterrâneos, pelo muito que desejo contribuir para o engrandecimento e progresso da nossa TERRA.

Não sei escrever artigos de

### Até França

O nosso querido Director partiu no passado dia 21, via Madrid, até França, onde visitará vários conterrâneos e outros Melgacenses. Desejamos-lhe óptima viagem e um feliz regresso.

MANUEL CALDAS

## O SANTO DA QUINZENA

### S. Maria Goretti (Virgem e Mártir)

Pela Irmã Maria dos Anjos

Em Corinaldo, pequena povoação da Itália, a cinquenta quilómetros da Ancona, nasceu Maria Goretti, a 16 de Outubro de 1890, sendo seus pais Luís Goretti e Assunção Carlini, que chegaram a educar sete filhos, em meio de graves dificuldades económicas da vida. Como bons cristãos, sabiam confiar na Providência do Pai celestial!

Em busca do sustento, percorreram vários povoados e aldeias, estabelecendo-se, finalmente, em Agro Pontino, onde a 6 de Maio de 1900, faleceu o pai de nossa heroína.

Naquela situação trágica, Maria Goretti que apenas contava nove anos de idade, ajudava sua mãe e procurava animá-la, dizendo: — Coragem, mãezinha! a Providência nos guardará! Há de ver como iremos à frente! E a mãe com o apoio da sua filhinha transformou-se naquela mulher forte da Sagrada Escritura. Após um ano que o pai tinha falecido, conseguiram colher 30 toneladas de trigo e 96 de favas, mas ao fazer as contas viram que faltavam 95 liras para pagar as dívidas.

Nas circunstâncias de penúria e miséria, em que viviam, ainda em vida de seu marido, para que pudessem vencer as dificuldades financeiras, uniram-se com a família Serenelli, composta do pai viúvo, chamado João, com 60 anos, e de seus dois filhos, Gaspar e Alexandre. *Terrível Batalha!*

Dia 5 de Julho de 1902, pela tarde, sob um calor sufocante achavam-se a mãe de Maria Goretti e Alexandre Serenelli, trabalhando no campo de favas, a guiar dois arados puxados por bois. Maria Goretti ficou em casa para costurar uma camisa de

Alexandre que lhe havia pedido. Em dado momento, já premeditado, Alexandre vai a casa com Maria Goretti, dando qualquer desculpa a sua mãe, para que ficasse sôzinha a trabalhar com o arado. E assim fez. Com a alma cheia de sensualidade, Alexandre chamou por Maria, havendo-se já munido de uma barra de aço de uns vinte e quatro centímetros, afiada na ponta como um estilete e que ele deixara numa mesa próxima. Maria começou a tremer, pois conforme declarações posteriores do próprio assassino, havia tentado seduzi-la duas vezes e a jovem conseguira escapar de suas garras, cobria seu rosto de rubor pelas atrevidas propostas que em sua inocência não podia compreender. Alexandre, ao ver que ela não queria aceitar, num abrir e fechar de olhos, tomou-a violentamente pelos braços, tapou-lhe a boca com a mão, arrastou-a para dentro, enquanto fechava a porta com um pontapé. «Diz o Processo Canónico que aquela débil menina de 12 anos encontrou forças para lutar com um leão, sómente para defender o tesouro mais precioso de sua vida. — Não! Não! E pecado!... Não! Não!... Que estás fazendo, Alexandre... Irás para o inferno!

Durante aquela defesa heróica da jovem mártir, o criminoso agarrou a barra de ferro de aço, e cravou-a, repetidas vezes no seu corpo. Maria com uma expressão que enternecia as próprias pedras, exclamava: — Meu Deus! Meu Deus!... Estou morrendo... Mãezinha!... Mãezinha!... Alexandre pensou que ela já estivesse morta, quando começou a pedir socorro ao pai do assassino. Então, no seu furor diabólico apertou a garganta dela, e cravou-lhe novos golpes. Quansua Mãe e outra gente chegaram, encontraram-na como morta, mas ainda pôde dizer que perdoava ao assassino! Seu corpo jaz intacto, no altar principal da sua Igreja paroquial, que eu mesma vi! «Que com os seus milagres se transformou num centro de veneração. Rezemos muito a ela!...»

## Melgaço

Domingo, dia 10 de Agosto de 1969

Nos jardins da Câmara Municipal e organizado por um grupo de bairristas Melgacenses, dois sensacionais espectáculos:

Às 15 horas — Festival Folclórico Luso-Galaico, com os grupos: Grupo de Danzas da Secção Feminina de Orense (Espanha); Rancho Folclórico de S. Paio-Arcos de Valdevez; Rancho Folclórico de Lavradas-Ponte da Barca.

Às 22 horas — Variedades abrilhantadas pelo categorizado conjunto musical da Vila das Aves «Os Lacraus» e ainda pelo seu Grupo composto dos artistas: Maria Adelaide, Joaquina Maria, Nelita, J. Campos, José de Sá e o acordeonista Jomá.

Dois grandiosos espectáculos do mais alto nível.

Fronteira aberta por S. Gregório.

## Vice-Presidente da Câmara

O Sr. Governador Civil, seguindo na linha de acção já iniciada em Monção, acaba de dar ao nosso concelho mais um válido e directo colaborador. E ele o Sr. Professor Nuno Cândido Domingues, de Alvaredo, irmão do nosso particular amigo P.º António Domingues e afilhado do ilustre médico sr. Dr. Esteves.

A notícia encheu-nos de alegria pois se trata de um homem honesto, honrado, trabalhador, dedicado, sincero, leal, amigo, inteligente e de grande dinamismo.

O primeiro a estar contente é, de certeza, o Senhor Presidente, porque sabe que tem no Sr. Professor Nuno mais um sincero amigo, daqueles que nunca atraíam, e que, com ela a seu lado, poderá continuar, ainda com mais vigor, se possível, os melhoramentos já programados, e estudar outros que se tornam inevitáveis e que já quereria realizados.

Em tudo isto sabemos muito bem que não basta o dinamismo — e o Senhor Presidente, bem como o Sr. Vice-Presidente têm-no em grande quantidade — mas é necessária muita paciência, muita insistência e também muito

sofrimento para suportar as diversas dificuldades que se opõem a todos os melhoramentos a realizar num país de reduzidas dimensões económicas, sobretudo na época actual.

Com o Sr. Professor Nuno na Vice-Presidência temos a certeza de que Melgaço poderá continuar numa linha de honestidade, honradez, sinceridade e progresso, até porque, o Sr. Professor Nuno é um Melgacense, e um Melgacense dos limpidos, dos que sabem que só quem é capaz de governar bem a própria casa, poderá fazer algo de válido na alheia.

Se a Bíblia não se engana quando diz que: «toda a árvore boa dá bons frutos» estamos certos que Melgaço os irá colher, já que o Sr. Professor Nuno é árvore boa, com frutos já produzidos no seu campo profissional e familiar.

Os nossos parabéns mais sinceros, sem qualquer reticências, e os augúrios veementos de grandes êxitos na nova função para que foi escolhido com gáudio de todos nós Melgacenses.

«A Voz de Melgaço»

## Visita Ministerial

O Senhor Ministro das Obras Públicas deslocou-se ao distrito de Viana do Castelo nos passados dias 25, 26 e 27 de Julho. Da sua agenda de trabalhos queremos destacar: a entrega da medalha de Ouro do Concelho de Valença ao Senhor Doutor Júlio Evangelista, ilustre Deputado pelo Círculo de Viana, e o encontro com os Senhores Presidentes das Câmaras Municipais do Distrito.

Sabemos que o Senhor Professor Rodrigues levou consigo um volumoso «dossier» para pedir ao Senhor Ministro vários melhoramentos para Melgaço. Oxalá que todas as suas propostas sejam atendidas e despatchadas com a rapidez que deseja.

# Várias Notícias da Vila

No mar de Ancão (ao largo de Sesimbra) foram «pescadas» algumas âncoras romanas — Elementos da Escola de Brigadas Especiais de Campo, da Secção de Mergulho Amador da Mocidade Portuguesa, nas pesquisas e com esforço encontraram a grande profundidade oito vélias âncoras romanas.

A chegada do Verão e o record dos bons resultados obtidos no referido local, no ano passado deram origem a que equipas de mergulhadores da Mocidade Portuguesa a concentrarem-se no mar de Ancão em Sesimbra a fim de proseguirem as suas pesquisas no fundo do mar.

Entre os jovens mergulhadores das Brigadas Especiais fazia parte o nosso conterrâneo José Luis de Sousa, filho do sr. Virgílio Pedro de Sousa e da sr.ª D. Maria Ermelinda de Almeida, residentes em Lisboa, e, que foi achador de uma das vélias âncoras romanas a 28 metros de profundidade, tendo depois colaborado na recolha, um barco da Delegação Marítima.

Ao José Luis, que apenas com 18 anos de idade, terminou o curso liceal com alta classificação, dispensado a várias disciplinas e também por ser um excelente mergulhador, apresentamos os nossos parabéns, angurando-lhe a soma de felicidades a que tem jus.

**Dr. Silvío da Boa Nova Pires** — Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria da Conceição Vilarinho Pires, Dg.ºº Chefe de Serviços dos C. T. T. em Lisboa, encontra-se nesta vila, de visita à sua família o nosso ilustre conterrâneo, sr. Doutor Silvío da Boa Nova Pires, Dg.ºº Chefe de Reparação do Quadro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e filhos Manuel Luís Vilarinho Pires, aluno do 3.º ano liceal, e José Pedro Vilarinho Pires, aluno do 2.º ano do Ciclo Preparatório.

Ao simpático casal, que há pouco tempo foram promovidos a aqueles altos cargos e a seus filhos Manuel Luis que prestou provas de exame tendo ficado dispensado da oral com 16 valores de média e a José Pedro, que também dispensou com a média de 17 valores, os nossos parabéns.

**Exames** — Com alta classificação, concluiu o 3.º Ciclo Liceal, com a média final de 15 valores a nossa conterrânea menina Justina de Lemos Moreira, de 18 anos de idade.

Também com boa classificação, transitou com a média de 14 valores para o 7.º ano do curso liceal a menina Maria Filomena de Lemos Moreira, de 16 anos de idade.

As jovens e inteligentes estudantes, que sao filhas do nosso amigo sr. Manuel Martins Moreira e da sr.ª D. Aurora de Nazareth Lemos Moreira, apresentamos os nossos parabéns, desejando-lhe as maiores felicidades, na carreira que vão seguir.

**Um bom gesto de bairro local** — Quando da excursão organizada pela C. P. composta por 185 pessoas da categoria social da cidade do Porto, o nosso conterrâneo, sr. Artur Teixeira, num gesto de

patriótico bairrismo, ofereceu um lindo passeio para admirarem as paisagens que de Melgaço à fronteira de S. Gregório se disfrutam e que, aos nossos maiores escritores como Júlio Dantas, Rocha Martins e outros, deslumbavam os seus ávidos olhos de contemplar o belo e que por isso cognominavam estas lindas vistas que da estrada se disfrutam de Suíça Portuguesa.

Os nossos parabéns ao sr. Artur Teixeira, porque assim concorre para o conhecimento da sua terra.

**Tenente Henrique Pereira Tavares** — Após ter gozado a sua merecida licença, em Teixeira — Baião, terra da sua naturalidade, regressou a esta vila, o sr. Tenente Henrique Pereira Tavares, Dg.ºº Comandante da Secção da Guarda Fiscal de Melgaço, acompanhado de sua Ex.ª Esposa, sr.ª D. Rosa Tavares.

Os nossos cumprimentos.

**Manuel Alves** — Após alguns dias de visita à sua família na freguesia de Rouças, partiu para Londres, o nosso amigo sr. Manuel Alves, correspondente do nosso jornal naquela localidade.

Este nosso amigo, deslocou-se a Portugal a fim concluir o 1.º Ciclo liceal, que o terminou com alta classificação, dispensando à prova oral com 16 valores.

Os nossos parabéns.

**General António Matos Maia** — Em serviço de revisão aos marcos da fronteira, tivemos o prazer de ver nesta vila, o Ex.ºº senhor General António Matos Maia, acompanhado do sr. Capitão de Engenharia, António Ponte de Abru.

Aos ilustres oficiais, apresentamos os nossos cumprimentos.

**Vindos de França** — Chegou a esta vila, vindo de França, o nosso amigo e conterrâneo, sr. João Morais, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Ana Lopes Morais e filhos.

Também daquele país regressou há dias o nosso conterrâneo, sr. Adolfo Pereira. A todos os nossos cumprimentos de boas vindas.

**Vindos do Brasil** — Encontrou-se na sua «Casa de Golães» — Paderne, vindo da cidade de Niterói — (Brasil), o nosso conterrâneo, sr. António Alberto Meleiro, conceituado comerciante naquela cidade.

Os nossos cumprimentos.

**Circo Lusitano** — Durante alguns dias, esteve nesta vila, a dar uma série de espectáculos o «Circo Lusitano», que, nos apresentou alguns números interessantes.

**Falecimento** — Por notícias recebidas, sabemos ter falecido na cidade de Viana do Castelo, o sr. Engenheiro Gilberto Ranhada, de 36 anos de idade, filho do nosso conterrâneo, sr.

José Ranhada, proprietário da «Garagem Avenida» daquela cidade.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidos pêsames.

**Totobola** — Mais uma matriz premiada no 44.º Concurso, de 6-7-969.

Foi o número 4039057, entregue através do agente 18-031, sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira, da Rua da Calçada, em Melgaço.

**Conselheiro Pinto de Freitas** — Encontra-se na Estância Termal do Peso, como nos anos anteriores, Sua Ex.ª o Senhor Conselheiro Pinto de Freitas, acompanhado de sua esposa, filha e neta, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

**Aniversário** — No próximo dia 11 de Agosto, festeja o seu aniversário natalício, o nosso ilustre conterrâneo, senhor Doutor Júlio Pires, que actualmente se encontra em missão de soberania na nossa provincia de Cabo Verde, como Alferes Miliciano.

Ao nosso querido amigo, desejamos que aquela data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

**Banda de Música** — No passado dia 25, de passagem por esta vila, a caminho de Pomares, freguesia de Paderne, onde foi abrilhantar a festividade de S. Tiago, numa gentileza cativante, a Banda de Música dos Arcos de Valdevez, executando uma linda marcha, percorreu as ruas principais desta vila.

Gratos pela gentileza.

**DR. ALEXANDRE AMORIM**

ADVOGADO

**Herculano Lima da Silva**

SOLICITADOR

Com ESCRITÓRIO nesta vila

## Pelo Hospital

Tratamentos no Banco durante o mês de Junho:

Curativos, 130; Injecções intramusculares, 170; Injecções endovenosas, 13; Pequenas cirurgias, 8; Análises, 30; Raios X, 11.

Entradas nas enfermarias, 4; saídas, 3.

Entradas na Maternidade, 13; saídas, 13.

## Carlos Laginha

Em visita de inspecção à agência de tabacos no estabelecimento do nosso conterrâneo, sr. Manuel Lourenço, tivemos o prazer de ver nesta vila, o sr. Carlos Laginha, Dg.ºº Inspector da Zona Norte, da Empresa Industrial de Tabacos (INTAR) na cidade do Porto.

## Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 } Telef. 28241/5 } (6 linhas)  
 » 29474 }  
 DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 } » 21861  
 Praça Almeida Garrett, 6 } » 28241  
 17- Rua de Sá da Bandeira-19 } » 53452  
 R. Fernandes Tomás (Edif. Nova) } » 28241

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53  
 a abrir brevemente) Rua 1.º de Dezembro, 82

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:**

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
 Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
 Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

## Rectificações

No número 429, do nosso jornal, nas notícias difundidas desta Vila, por lapso na excursão organizada pela C. P. do Porto até Castro Laboreiro, onde se lê Viação Auto Motora, deve ler-se Auto Viação Melgaço, L.da.

Também no local «Nova Carreira» onde se lê Auto Viação Auto Motora, deve ler-se Auto Viação Melgaço, L.da.

Também no último número em «Pelo Hospital e Lar de S. José» se lê uma senhora que vinha de rulote e deve ler-se de Alote.

Aqui ficam as nossas rectificações.

## Casamento Elegante

Na Igreja «Notre-Dame» de SAINT-MANDÉ em Paris, realizou-se no passado dia 12, com toda a sumptuosidade o enlace matrimonial da nossa conterrânea, Mademoiselle Maria Helena Rodrigues, filha do sr. Joaquim Rodrigues e da sr.ª D. Armanda Augusta Rodrigues, com o sr. António Mendes Martins, de nacionalidade francesa, filho de pais portugueses, radicados há muitos anos naquele país.

Terminada a cerimónia o nupcial cortejo dirigiu-se para um dos melhores Hotéis daquela localidade, onde foi servido um excelente almoço a numerosos convidados.

Na casa dos familiares da noiva, nesta vila, também foi oferecido um finíssimo «Copo d'Água» a inúmeros convidados. Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para a Alemanha e Bélgica, desejamos muitas felicidades e uma peregrina lua de mel. A. L. P.

**Abel Augusto Vaz**

ADVOGADO

Escritório  
 Registo Civil Tel. 42240

MELGAÇO

**Dr. Luis Domingues**

CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º  
 Tel. 29415 PORTO

**Dr. Oliveiros Rodrigues**

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro  
 MELGAÇO

**Vinho do Porto! Delícia de Portugal**

**Vinho do Porto BARROS**

DELICIA DO VINHO DO PORTO

**Lágrima Cristi Barros**

**Compre BARROS**

EM FRANÇA

O MAIS PREFERIDO

**Ofereça BARROS**

**Beba BARROS**

**QUE É O MELHOR**

## «MANGOZAN AZUL»

É o melhor micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HÁ.

Patente: ROHNU E HAAS C.ª - U. N. A., n.º 3951

Agente distribuidor: *Miguel W. G. Pereira*

MELGAÇO

# CONVERSANDO

## À saída da Missa

—O compadre gostava de me explicasse o que se passa na América latina. Aquilo parece-me um brasileiro... Ouvi dizer que o Rockefeller nem sequer foi capaz de prosseguir uma viagem que andava a fazer ali, em nome do Governo norte-americano!

—Tu sabes como, em toda a parte, o comunismo tem procurado agitar as massas e tirar partido do descontentamento dos pobres e das desigualdades sociais. Ora, se há países onde os povos são subdesenvolvidos e a riqueza se encontra nas mãos de poucos, isso verifica-se sobretudo na América do Sul. Além disso, está ali mesmo à ilharga um país comunista, Cuba, que tem exportado para toda a América latina agitadores e revolucionários.

—Mas porque é que o Rockefeller, teve que se vir embora da Bolívia?!

—A coisa já tinha aquecido tanto no Equador e na Colômbia que as autoridades bolivianas, quando o conhecido governador de Nova Iorque chegou ao aeroporto de La Paz, para iniciar a sua visita ao país, disseram ao enviado de Nixon que era melhor não sair do avião, porque havia milhares de estudantes, enfurecidos, à espera dele, nas ruas... O homem voltou para casa e, pelo sim, pelo não, a Venezuela, o Chile e o Uruguay pediram também que a visita de Rockefeller aos seus países fosse adiada.

—Mas que mosca picou aos habitantes desses países agitados?!

—Sabes, compadre?! Nós, europeus, somos, por vezes, muito apressados a julgar esses povos onde lavra um profundo descontentamento. Desculpamo-nos com o comunismo, quando é certo que, não raro, são as profundas injustiças que abrem ali terreno à penetração do comunismo. Esses países são, muitas vezes, explorados pelo poderoso vizinho norte-americano e por governos «conservadores» que se apoiam no exército para consolidar os privilégios duma minoria. A Igreja não tem cessado de protestar contra este estado de coisas. No Brasil, um padre foi, há pouco, assassinado e pendurado numa árvore; D. Hélder da Câmara, a quem chamam «o arcebispo vermelho» por causa das suas declarações em favor dos pobres, recebe, todos os dias, ameaças de morte. Há poucos meses, três padres assumpcionistas foram expulsos e acusados de propaganda comunista por terem querido socorrer a miséria dos seus paroquianos!

—Pois sim! Mas o que tem o Rockefeller a ver com tudo isso?!

—A meu ver, o Senhor Rockefeller foi particularmente mal escolhido para distribuir os dólares americanos naquela parte do mundo... Toda a gente sabe que Rockefeller, neto milionário do fundador da Standard Oil, dono de cadeias de supermercados na América do Sul, proprietário de vários ranchos na Venezuela, simboliza, aos olhos dos estudantes e operários latino-americanos, a exploração das suas riquezas nacionais. Sabe-se muito bem que os americanos precisam de conservar o ferro e o petróleo da Venezuela, o cobre do Perú e do Chile, o estanho da Bolívia, o café do Brasil e da Colômbia, para se conservarem a primeira potência industrial do mundo.

—E que mal há nisso, compadre?!

—Não haveria grande mal, se essas matérias primas fossem pagas pelo seu justo preço. Tu queres ver uma coisa sintomática?

—Diga lá, compadre!  
—Por exemplo, o minério de ferro sai mais caro aos Estados Unidos explorarem-no no seu próprio solo do que comprá-lo na Venezuela. Uma tonelada de minério de ferro explorado nos Estados Unidos custava, em 1965, 9,53 dólares; pois a mesma tonelada vinda da Venezuela ficava em 7,97 dólares!

—Os povos vão abrindo os olhos, não é, compadre?!

—Há, sobretudo, um problema de justiça. Lembra-te do que diz o Concílio e a «Populorum Progressio»: sem uma distribuição justa e equitativa das riquezas, não pode haver paz.

.....  
Diz o Senhor Astuto Sagaz Sensato por alcunha o «Zé Reguila»:

—Quando compro VINHO DO PORTO, compro PORTO BARROS, que é o melhor.

Senhor José Luís Baleixo, residente em MONTCHANIN, França, siga o conselho deste nosso amigo, prefira os Vinhos do Porto BARROS, que são os mais saborosos.

.....  
Vende-se em Rouças

Casa de moradia e terrenos, com muita vinha.

Trata: Manuel Esteves.

Lugar da Carreira — Rouças e informa esta Redacção.

## De Prado

**Visitas** — De Lisboa vieram Manuel José Gomes de Sousa, oficial da Marinha de Guerra, sua esposa D. Idalia Pereira Loureiro Gomes de Sousa, sua filha Cristina Maria Pereira Loureiro Gomes de Sousa, sua tia Rosa de Jesus Gomes Calheiros e sua sobrinha Isabel Maria Gomes de Sousa Gonçalves, tendo já regressado a

**De França** — Regressaram Fernando Higoito Gonçalves, sua esposa D. Ilda Augusta Ribeiro, sua filha Odete Maria Ribeiro Gonçalves; João Luís Gonçalves Ribeiro; Bento Gonçalves e sua esposa.

**Falecimentos** — No dia 5 deste mês, faleceram: Deolinda Afonso, de 58 anos de idade, do lugar da Corredoura.

— Em Costinhas, Deolinda Alves, com 75 anos de idade.

Os funerais realizaram-se no dia seguinte tendo-se incorporado dezenas de pessoas de todas as classes sociais.

As famílias em luto envia «A Voz de Melgaço» sentidos pesames. — M. S.

## ROUÇAS

Em Fafe, no dia 6, foram ordenados de Subdiáconos os seminaristas Júlio Vaz e Manuel Rui de Castro Alves.

— Para Ancora, partiram para uns dias de acampamento escutista, o rev.º Padre José Marques de Lobiô, e outros seminaristas e rapazes de Rouças que lá conviverão com colegas do Alto-Minho.

— A festividade de Santa Marinha decorreu com grande solenidade, sobretudo na parte religiosa. O coro mereceu os mais rasgados elogios do povo e até de uma senhora parisiense experta em música.

— Mais uma casa se vai erguer no lugar do Crasto, a do sr. Carlos Rodrigues.

— Vai algo melhor a sr.ª Alzira do Picouto que deseja-mos ver prontamente restabelecida.

— Para Caldela partiu o nosso amigo António Martins, do lugar do Telheiro, a quem desejamos uma cura radical e totais melhoras.

— Com sua mulher e filhas, vimos entre nós, vindo de França, o sr. Manuel Lourenço, que foi do lugar de Eiró.

— Também cá chegou o sr. Ventura Vaz, do lugar da Igreja. — De visita a casa, vimos os bons amigos Alexandre e Palmira Fernandes, da Costinha, actualmente a viver em Matosinhos.

— Está também entre nós o sr. José Rodrigues e esposa sr.ª Rosa Martins de Barros, do lugar do Crasto, a quem desejamos boas férias.

— Especiais parabens me-

## À sombra da



Na sua residência «Solar de Galvão», desta vila, faleceu no passado dia 13, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Fernanda de Lurdes Carvalho Pereira de Castro.

A extinta sr.ª finou-se com a idade de 49 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos a conheciam ou que com ela viviam.

Era casada com o sr. Gaspar Magno Pereira de Castro, abastado proprietário, mãe dos srs. Tenente Alberto Magno Pereira de Castro, dig.º Comandante da Secção da G. N. R. em Valença, João Magno Pereira de Castro, cabo miliciano em Angola, da sr.ª D. Maria Fernanda de Carvalho Pereira de Castro Campos, funcionária da Embaixada de Portugal em Bruxelas, da menina Maria José de Carvalho Pereira de Castro, sogra do sr. Jerónimo Pereira de Campos, funcionário superior da «Renault» na Bélgica, da sr.ª Professora D. Maria Armanda Dias de Figueiredo Pereira de Castro, cunhada da sr.ª D. Maria Alberta Pereira de Castro Anselmo e do sr. Dr. Artur Anselmo, distinto

recem os nossos conterrâneos João Baptista Esteves, Anselmo e Artur Esteves, do lugar dos Carvalhos, e Manuel José da Costa, da Pombreira, pela sua larga contribuição para a festividade de Santa Marinha. — C.

## PARADA DO MONTE

Julho, 25

Lemos com a máxima atenção os trabalhos que a nossa Câmara tem realizado há dez anos para cá, e está tudo muito bem. Caminhos municipais para todas as freguesias e lugares do Concelho, está muito certo. O que não está é a nossa freguesia ficar em branco. Pois nem desgrazadamente temos estrada para a freguesia, quanto mais para os lugares. Nesses já se não fala. Pois já há mais de 10 anos que principiou a estrada para esta freguesia e ainda está a meio, não falando na Ponte, que essa está encantada. Ainda há poucos dias,

advogado em Braga e Guimarães.

No seu funeral, que se realizou no dia seguinte, incorporaram-se algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais desta vila e outras localidades, estando também presentes sargentos, cabos e praças, da Companhia da G. N. R., Comandantes das Secções da Guarda Fiscal de Melgaço, Monção e Valença, também com elevado número de sargentos, cabos e praças da mesma guarda, chefes e agentes dos postos da P. I. D. E. de S. Gregório, Peso, Monção, Valença e uma coluna motorizada da P. V. T. do posto de Monção, que seguia à frente do préstito funebre a fim de organizar o trânsito desde a sua residência até ao cemitério local, onde os restos mortais da finada ficaram sepultados em jazigo privativo da família. Sete sacerdotes e um piquete dos Bombeiros Voluntários desta vila, prestaram as devidas honras. Conduziu a chave da urna, seu filho sr. Tenente Pereira de Castro.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, as mais sentidas condolências.

A. L. P.

a sr.ª Pureza Alves foi numa cama em charola aos ombros de oito homens até à estrada para ir para o Hospital.

Quanto mais demorarem em fazer a ponte e a estrada, mais cara ela fica. Olhem para estas necessidades dos srs. responsáveis, que nós estamos como nos tempos primitivos.

**Nascimento** — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª Belmira de Fátima Gonçalves, esposa do sr. Manuel Rodrigues, do lugar da Trigueira.

**Chegadas** — Vindos de França, chegaram os srs. José Rodrigues, César Esteves, Mário Esteves e esposa, filhos e neta, Germano Rodrigues, Justino Alves e esposa.

**O tempo e a agricultura** — Tem feito um calor intenso. Vinho este ano não há. O que sulfato cedo ainda tem alguma coisa. O que não sulfato cedo não tem nada. Mesmo o que sulfato cedo ainda viu ir muito embora. — C.

Para MALHAS e MIUDEZAS

Prefiram o

## Armazém S. João

Vendas por JUNTO e RETALHO

Os nossos artigos estão com preços de boas condições de aquisição pelo público consumidor

RUA FRANCISCO SANCHES, 20 — BRAGA

Renovamos a cada dia a nossa tradição de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

## PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO  
Rua do Ouro, 95 — LISBOA

Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

# O meu reparo a alguns articulados da Nota de Redacção

O «Desmentido», que veio a público em 22 de Junho deste ano, nesta gazeta — refere-se ao «Notícias de Melgaço» —, provocou e mereceu as honras de uma N. da R..

O autor é um intruso; meteu-se onde não era chamado.

Dou-lhe, se quiser aceitá-los, dois bons conselhos e, para mais, gratuitos:

1.º — Meta-se na sua vida, que é feio, muito feio, meter-se na vida dos outros.

2.º — Peça desculpa ao meu colega, porque com a sua intervenção, passou-lhe um atestado de incompetente. Foi injusto.

Repare a injustiça. O colega sabe... e eu sei também...

As outras pessoas, só às dadas à bisbilhoteira, é que interessaria saber o que os dois sabemos.

Eu não prestei qualquer informação ao articulista, além da que veio no «Desmentido». Não tenciono vir a público com mais nada. Motivo principal, mas não único: somos colegas. Seria bonito degladiar-nos publicamente? Sentiria tristeza a gente de bom senso e bem formada, e gáudio a corja dos malandros. Não quero ser motivo de tristeza para aquela, nem de gáudio para estes. Lembro, todavia, que é sagrado o direito de legítima defesa.

O autor da nota diz que eu, por imperícia ou negligência, embati com o meu no carro do colega.

Respondo: Foi verdade. Não fui o primeiro a sofrer estes percalços, nem serei o último. Não fui o primeiro. «Consta» que, há tempos, um doutor de Melgaço, para os lados de Viana do Castelo, esbarrou o seu carro contra um camiã e que, o mesmo, esbarrou outro carro contra uma árvore. O camiã vê-se melhor que um carro ligeiro; é maior. Apesar disso... Negligência? Imperícia? Não me regozijo com os choques, de que foi vítima o tal doutor. Não. Dou-lhe, até, os parabéns por ter saído ileso de ambos. Sinceros parabéns. A propósito: não pedi aos jornalistas para não darem a notícia do meu «esbarramento». Quanto ao articulado sob o número 5, respondendo: Concorde que o colega não precisa de esmolmas, mas também devem concordar que eu não preciso dos favores dele. Se a reparação foi gratuita, nada havia a pagar. Para que se cobrou o cheque? Não havendo dívida a saldar, não havia troca a receber, de nada podia dispor o colega. Aqui há lógica, e da verdadeira. O articulista sabe o que significa a palavra troco? Pela conclusão a que chegou eu digo que não, que não sabe. Concordam comigo, até, os analfabetos. Apreciei e julguem os leitores os factos trazidos à colacção. (Continua)

António de Jesus Rodrigues

N. R. — Para a compreensão dos leitores, devemos esclarecer o seguinte: O autor do pretenso articulado mandou para o «Notícias de Melgaço» um des-

mentido dizendo que não tinha contribuído com quinhentos escudos para os Bombeiros Voluntários de Melgaço, como tinha sido noticiado pelo mesmo jornal. A esse desmentido quiz a redacção do mesmo jornal ajuntar-lhe uma nota em que se faziam comentários que não correspondem à verdade, segundo o parecer do autor do presente articulado. Por isso mesmo e, em primeiro lugar, o Senhor Padre António Rodrigues mandou que o desmentido fosse de novo publicado no local que lhe era devido segundo as normas da imprensa. Mandou, depois, a presente resposta, de auto-defesa, que «Notícias de Melgaço» não publicou oportunamente. Estando em curso os trâmites legais para este caso, o autor pediu-nos, todavia, o favor da publicação do mesmo no nosso jornal, a que acedemos gostosamente, até para esclarecimento antecipado dos leitores daquele jornal, caso a respectiva direcção continue a ignorar as normas que regem a imprensa.

25 - VII - 1969.

## A' Virgem da Peneda

Olho p'ros montes, olho p'rás veigas  
P'ró sol, p'rá lua  
P'ras folhas tenras,  
E não vejo coisa nenhuma  
Como tu, Virgem  
Tão pura, tão belal

Vejo a tua imagem  
Olhando as coisas  
Todas que Deus pôs nesta terra  
Mas tu, estás sempre,  
Virgem querida  
Mui por cima de todas elas.

Vejo o teu manto no firmamento  
Azul, bordado  
De ricas pérolas  
Vejo os teus olhos  
Que sempre luzem  
e sempre luzem.

Vejo tua imagem  
Tão enamorado  
Que já não posso  
Senão querê-lal  
Mas é bem certo, minha Mãezinha,  
Que não te quero como devera.

Quem acertara  
Das tuas virtudes  
a, pelo menos, dar-nos ideia.

Mas ninguém pode,  
Porque no mundo  
Quem há, ditoso,  
Que encontre palavras?

Não, não encontro  
Coisa nenhuma  
Como tu, ó Virgem,  
Tão pura, tão belal

Jesús Real Varela  
Seminário Maior de  
Santiago de Compostela

## Movimento Escolar das 3.ª, 4.ª e 5.ª classes no ano 1968-69

	3.ª classe		4.ª classe	5.ª classe		Total admitt.	Aprov.	
	H.	M.	M.	H.	M.			
Alvaredo	7	7	8	9	4	1	36	36
Castro Laboreiro	25	18	10	16			69	69
Chaviães	7	7	7 (2)	5 (3)			26	21
Cristóval	9	14	11	8 (1 F.)			42	41
Couso	4	18	4	14			44	44
Cubalhão	7	1	3	5			13	13
Fiães	7	8	8	10			33	33
Gave	6	5	7	6			24	24
Lamas de Moura	4	4	5	1			14	14
Paços	8 (5)	7	5 (2.1 F.)	7			27	19
Paradise	20	17	11 (1)	12	3	8	71	70
Parada Monte	13	14	13	12			52	52
Penso	6	8	7 (1 F.)	8			29	28
Prado	5	5	5	6 (1 F.)			21	20
Remoães	3	1	1	3			8	8
Rouças	6	11	10	9			36	36
S. Paio	8	16	8 (2)	13			45	45
Vila Melgaço	12	9	19 (1)	10	19	6	75	74
Externato			3	3			6	6
Total	158	174	142	157	26	15	671	651

Transitaram da 3.ª a 4.ª — 153 H. — 174 M. da 4.ª a 5.ª — 133 H. — 157 M. — da 5.ª a 6.ª — 26 H. — 15 M.

N. B. — Os números entre parêntesis indicam os que ficaram reprovados do referido número de admittidos. Os que têm F. indicam os faltosos.

N. R. — Queremos agradecer ao sr. Professor Ascensão Afonso a gentileza que teve em fornecer-nos estes apontamentos por nós pedidos com a finalidade de ilustrar os leitores quanto às vias de possibilidade de um suficiente número de alunos para o ciclo preparatório oficial, em perspectiva.

Actualmente não estuda uma sétima parte dos alunos que terminam a escola primária. Vindo o ensino oficial, quase gratuito, esse reduzido número poderá ser muito acrescido. Os números falam de per si.

Há certos serviços que têm de ser montados de modo a facilitar a frequência do maior número possível de alunos. A seu tempo se falará deles.

Pode ser que alguém tenha sugestões a fazer e aceitaremos de bom grado que no-las enviem para publicação.

Não queríamos terminar sem pedir à Secretaria do Externato Liceal de Melgaço o favor de nos informar do movimento escolar durante este ano lectivo, e dos respectivos resultados, pois gostaríamos de dar mais elementos de informação aos nossos leitores.

CARLOS NUNO

## Manuel Vicente Coelho

IGREJA — ROUÇAS — MELGAÇO  
TEL. 42272

Nas FESTAS, encarrega-se de: Serviço de alti-falantes; primorosas instalações eléctricas; todas as ornamentações dos templos; figuras e andores.

E tudo mais barato que os outros!

Consulte-nos e preferir-nos-á

## Missa Nova em Paços

Foi no passado dia 20 que o nosso amigo P.º Manuel Joaquim de Sousa Lobato, ordenado em Fafe a 6 de Julho, celebrou a sua Missa Nova. A missa foi concelebrada pelo pároco da freguesia, rev.º P.º Severo, e foi solenizada por um grupo coral de seminaristas quase todos do Alto-Minho.

A Homilia foi proferida pelo condiscipulo do neo-sacerdote, Padre Parente.

Toda a parte religiosa foi celebrada ao ar livre, debaixo das frondosas árvores que circundam o adro da Igreja.

No fim da sempre tocante cerimónia da beija-mão, foram os numerosos convidados até casa dos pais do novo Sacerdote onde foi servido um lauto banquete e onde houve muita animação e alegria, pois que todos os seminaristas, e demais cantores, como bons escuteiros que foram e são, se encarregaram de dar grande vida à reunião de amigos que confraternizaram com o Padre Lobato.

Aos brindes foram muitos os que enalteceram as qualidades do Neo-Sacerdote e a missão para a qual foi destinado: professor e prefeito no Seminário Menor.

Ao caro amigo e companheiro Padre Lobato, desejamos as maiores venturas no caminho do sacerdócio.

### Um dos Presentes

Ministério das Corporações e Previdência Social  
Instituto Nacional do Trabalho e Previdência  
DELEGAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

É já no próximo dia 16 de Agosto, que serão inauguradas as instalações da Colónia Balnear do Cabedelo, que recentemente ficaram a cargo da Federação das Caixas de Previdência — Obras Sociais.

A colónia infantil, que anteriormente era gerida pela Junta Distrital de Viana do Castelo, entrará em funcionamento logo imediatamente à sua inauguração e será mais um valioso

## Postal de longe

Uma das coisas que mais moralizam o individuo afastado do seu torrão natal, é uma carta chegada da família. E será também o jornal que lhe fala da sua aldeia com os seus problemas e os seus habitantes.

Mas a alegria transforma-se muitas vezes em tristeza quando a carta ou o jornal dão notícias de que as coisas não correm bem.

Pessoalmente sinto pena quando leio a «Voz de Melgaço» e comprovo que a minha freguesia de Parada do Monte, continua sem o primordial melhoramento da estrada.

Não sei bem em que ponto está o problema, presente-

mente. Julgo que não está esquecido. Mas isso não é suficiente.

O caso tem proporcionado, por vezes, comentários jocosos quando conto às pessoas destes sitios que sou natural dum terra que fica a trinta minutos de burro da estrada mais próxima. Aqui, em África, estamos habituados a levar os carros a todos os sitios. Muitas vezes a estrada é feita pelas próprias viaturas.

Ninguém compreende que ainda haja terras sem estrada! Muitos até julgam que é anedota. Mas parece!...

Pode ser que os homens do governo também pensem que se trata de anedota? E não ligam.

O pior é rirem-se de nós, e nós sem culpa nenhuma.

Vamos ter paciência?

Creio que o povo da minha terra pode e deve manifestar pública e oficialmente o seu descontentamento. Há oportunidades que podem ser aproveitadas para tal.

M. Domingues

benefício para a Organização Corporativa e para as crianças do distrito de Viana — que, ao contrário do que tem sido propalado, sem qualquer fundamento — continuarão a poder usufruir dos benefícios que poderiam ter anteriormente.

## Os pioneiros do progresso de Castro Laboreiro

Banhada pelo rio Laboreiro e carinhosamente embalada pelas canções que as suas águas vão deslizando pelas quebradas, vive adormecida com uma bela princesa, a antiga Vila de Castro Laboreiro. O valor extraordinário de seus filhos de outrora e os pergaminhos de nobreza que recebeu no passado dos Condes, Príncipes e Reis, elevaram-na, há já mais de oitocentos anos, ao apogeu da sua maior glória. Com o rolar veioz dos séculos foi pouco a pouco pereneço o valor estratégico que a sua posição geográfica lhe dava na deusa da independência pátria; e com este morrer leno da sua existência deixava fenece a autonomia administrativa que havia destruído durante, 584 anos. No torpor daquela «apagada e vil tristeza», no dizer do poeta, Castro Laboreiro deixou-se adormecer para só acordar em 1931-1932 com o início da abertura da sua esperada estrada nacional, cujo traçado havia sido feito 69 anos antes. Foi o Estado Novo, fundado em boa hora pelo Grande Salazar, que transformou em realidade aquele lindo sonho que encheu de esperanças e ilusões duas gerações castrejas. Abandonado pelos velhos políticos, que apenas sabiam prometer, Castro Laboreiro, no seu isolamento primitivo e quase milenário, soube esperar. Ao recordar com imensa saudade os meus afastados tempos de criança, não posso esquecer duas estrelas de primeira grandeza, em cujas coordenadas de pensamento e acção teve o seu nascimento todo o progresso de que actualmente Castro Laboreiro se pode orgulhar. Quero reter-me ao meu querido e saudoso pai — Padre Francisco Fernandes, cujas cinzas dormem religiosamente em sepultura própria no cemitério paroquial desta freguesia, desde 20 de Fevereiro de 1940. Com a sua morte esta linda terra perdeu um dos seus maiores e dedicados filhos. Naquelles brilhantes olhos de verdadeiro castigo bailava sempre a persistente ambição de tornar grande a sua e minha aldeia. A segunda estrela que iluminou os horizontes deste sertanejo hercínico em que nasci, foi o saudoso Amigo, Senhor Coronel Carlos de Barros, ao tempo Governador Civil de Viana do Castelo. Foi através do belo desporto da caça, que se conheceram e tanta amizade dedicaram mutuamente estas duas almas, extraordinariamente grandes, que todos os esforços conjugaram para se abrir a estrada para estas elevadas paragens. Em 1931 o Senhor Governador Civil de Viana, Senhor Major Carlos de Barros, escrevia ao seu velho Amigo Senhor Padre Francisco a anunciar-lhe a comparticipação da estrada de Castro Laboreiro, primeiro troço, de Melgaço até aos Castelos de Sante, bem como a continuação do estudo do segundo troço de Sante até Lamas do Moura. Foi em 1932 que se iniciou a abertura desta difícil via com 26 quilómetros de extensão. Com a construção desta linda estrada foi colocada uma grande varanda nos mais altos pináculos de Castro Laboreiro, da qual os filhos desta sertaneja aldeia conheceram novos horizontes, abriram novos caminhos ao progresso da sua terra. Que estas descoloridas palavras, confiadas ao papel, constituam a minha humilde homenagem a queles incansáveis impulsoadores de todo o progresso de Castro Laboreiro. Com os crisântemos tristes da minha profunda saudade, lançados carinhosamente sobre as campas destes pioneiros do desenvolvimento de Castro Laboreiro, respectivamente nesta localidade e na Meadela, Viana do Castelo, lanço também sobre a sua memória um pedacinho do meu sentimento e da minha própria alma.

Castro Laboreiro, 25 de Julho de 1969.

O CASTREJO

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

# A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 35\$00 - Estrangeiro 75\$00 \* ANO XXIII - N.º 431 - Melgaço, 15 de Agosto de 1969 \* Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tel. 22455 - Braga

## Diálogo e Unidade

NESTE mesmo jornal encontrarão os leitores motivo suficiente para focar o tema em epígrafe.

Querendo uma doutrinação verdadeira, nada melhor que servir-nos das palavras de S. Santidade Paulo VI na encíclica «Eclesiam Suam» sobre o diálogo na Igreja.

As qualidades apontadas pelo Santo Padre cremos serem aplicáveis a todas as espécies de diálogo, pois que as características do mesmo devem ser iguais, embora o conteúdo difira. Um é o diálogo da salvação e outro é o diálogo humano, mas iguais são as pessoas às quais é dirigido. Daí pensarmos que deve ser revestido das mesmas qualidades.

O diálogo é definido pelo Santo Padre assim: «A este interior impulso da caridade, que tende a fazer-se dom exterior, daremos o nome, hoje comum, de diálogo». (1)

Para entrar nesta forma de relação humana, há que obedecer a certas normas: «Esta forma de relação indica por parte de quem a inicia, um propósito de urbanidade, de estima, de simpatia e de bondade; exclui a condenação apriorística, a polémica ofensiva e habitual, o prurido de falar por falar». (2)

E as características do diálogo são:

«1) Primeiro que tudo, a clareza. O diálogo supõe e exige compreensibilidade; é transfusão de pensamento, é estímulo do exercício das faculdades superiores do homem. Bastaria este seu título para o classificar entre os mais altos fenómenos da actividade e da cultura humana.

2) Outro carácter é a mansidão... O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos; é paciente e é generoso.

3) Outra característica é a paciência e a não-impetividade da palavra convite como na receptividade do interlocutor.

... Produz confidências e amizade, enlaça os espíritos numa adesão mútua ao bem, que exclui qualquer interesse egoísta.

4) E o último carácter é a prudência pedagógica, que atende muito às condições morais e psicológicas de quem ouve...

No diálogo realiza-se a união da verdade, da caridade, da inteligência e do amor». (3)

«O clima do diálogo é a amizade; melhor, o serviço». (4) Até aqui a palavra de orientação do Papa.

A esta forma de comunicação humana podemos equiparar também a crítica, que há-de ser revestida das mesmas qualidades enunciadas para o diálogo. Talvez até, mais que uma simples equiparação, possamos fazer uma identificação: diálogo é o novo nome da crítica, é a nova maneira de ajudar verdadeiramente os outros e a nós próprios.

(Continua na página 7)

## O povo que pena e sofre, no isolamento serrano

Dado o interesse que o caso nos merece, transcrevemos de «O Comércio do Porto» as referências aos problemas de Parada e da Gave. Esperamos poder dar, no próximo número, uma informação completa do «Memorandum» entregue pelo Sr. Presidente da Câmara ao Sr. Ministro das Obras Públicas, a quando da reunião de 27 de Julho.

«Não nos passou despercebido, antes nos mereceu toda a atenção e interesse, aquilo que o dedicado presidente da Câmara de Melgaço disse ao ministro das Obras Públicas, na audiência que o governante concedeu a todos os presidentes dos municípios do Alto Minho, no sábado passado: «Lanço da estrada de Gave a Parada do Monte: é esta a via

de maior necessidade do concelho. Servirá duas freguesias, Parada do Monte com 1131 habitantes e Gave, com 735. Nenhuma delas tem qualquer via de acesso e distam da mais próxima cerca de quatro quilómetros. O troço de Parada do Monte para Gave está previsto no Plano de Fomento para o ano de 1973, e o projecto já foi entregue e está aprovado; aguarda-se que os Serviços

(Continua na página 8)

### «A Voz de Melgaço»

Em virtude do dia 15 ser Feriado, dia de N.ª S.ª da Assunção, o nosso jornal sai um pouco atrasado.

## «Melgaço tem sabido andar na Vanguarda

### daqueles que querem olhar para a frente...»

*Cremos serem estas as palavras que melhor exprimem o conceito e a estima que o Sr. Governador Civil tem pela terra de Melgaço, e serem também a expressão máxima do agradecimento à terra que tão galharda e amigamente o recebeu.*

*O cortejo automóvel que veio desde Penso, e acompanhou o Sr. Governador Civil, foi o maior, até hoje.*

*Este acto de elevado civismo e bairrismo merece uma nota de registo nos anais da história Melgaçense.*

*A chegada a Melgaço foi festejada com o estralar dos foguetes, palmas, os vivas, as flores, e a enorme multidão que o aguardava com alegria.*

*Seguiu-se depois a sessão no salão nobre da Câmara, presidindo o Sr. Governador Civil, ladeado à direita pelo Sr. Presidente da Câmara, pelo Vogal da U. N. Distrital, e, pelo Comandante da G. F. de Melgaço, e à esquerda pelo Sr. Vice-Presidente, Professor Nuno Cândido Domingues, pelo Sr. Presidente da União Nacional Concelhia, Professor José Lourenço: pelo Delegado de Saúde, Sr. Dr. Sérgio Saavedra, e pelo Sr. P.ª Justino Domingues, em representação do Clero.*

*Vimos ainda um nutrido grupo de Senhoras e a totalidade das individualidades representativas e públicas do nosso concelho, e gente de todas as camadas sociais.*

*Falou primeiramente o Sr. Presidente da Câmara, depois o Sr. Presidente da União Nacional Concelhia, o Sr. Governador Civil, Dr. José Gonçalves de Araújo Novo e o Sr. Vice-Presidente para encerrar a série dos discursos.*

*Finda a sessão, todos se apressaram a cumprimentar o novo empossado, cujo perfil já tínhamos traçado no número anterior e que vimos confirmado nos discursos, que em devido lugar transcrevemos para informação dos nossos leitores e conhecimento dos que trabalham lá fora mas que se sentem ligados às coisas de interesse na nossa terra.*

*Do discurso do Sr. Governador transcrevemos grande parte, sobre gravação feita, bem como dos restantes oradores, cujos discursos transcrevemos integralmente para que os leitores julguem e apreciem por si mesmos.*

*Foi a primeira visita oficial do Sr. Governador ao nosso Concelho. Admiramos o seu vigor e entusiasmo, apesar dos cargos difíceis já exercidos, um deles — Presidente da Câmara de Viana durante nove anos e alguns meses.*

*Melgaço está-lhe agradecido, Sr. Governador, e só augura que o vigor e entusiasmo postos, até ao presente, para o progresso da nossa terra, aumentem cada vez mais, se isso for possível.*

*Melgaço que o recebeu tão distintamente é merecedor disso! Bem haja, Sr. Governador!*

### O Discurso do Senhor Presidente da Câmara

Ex.ª Sr. Governador Civil  
Sr. Vice Presidente  
Minhas Senhoras  
Meus Senhores

Senhor Governador: Verdaderamente é esta a primeira visita oficial que V. Ex.ª faz a este concelho. Quero, por isso, saudar V. Ex.ª como primeiro magistrado do Distrito e representante do Governo, assegurar-lhe, como Presidente da Câmara, tal como tem sido com os seus Ilustres antecessores, a mais íntima e leal colaboração, com vista a dar satisfação aos interesses do bem público, e até do bem particular, manifestar-lhe todo o apreço e respeito e desejar-lhe, no desempenho de tão alto e difícil cargo, todas as facilidades e felicidades.

Não tive até agora Vice-Presidente porque pensei nas dificuldades que do facto poderem resultar e preferi sacrificar-me mesmo, trabalhando só. E, confesso, certamente que iria assim até ao fim do meu mandato se não fosse a orientação que V. Ex.ª, Senhor Governador, quis dar ao governo do distrito e que mo manifestou no primeiro contacto que tive no Governo Civil com V. Ex.ª. Ao abordarmos outros assuntos, V. Ex.ª disse-me que fosse

(Continua na página 3)



No acto de posse do Sr. Vice-Presidente da Câmara

# Várias Notícias da Vila

**Engenheiro António Augusto Pires** — De visita à sua mãe, esteve alguns dias entre nós, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Engenheiro António Augusto Pires, funcionário superior da «SACOR» em Matosinhos.

Os nossos cumprimentos.

**D. Rosalina Ferreira de Sousa** — Acompanhada de seus filhos, esteve nesta vila, de visita à sua família, a sr.<sup>a</sup> D. Rosalina Ferreira de Sousa, esposa do sr. Cândido Gomes de Sousa, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**António José Alves** — Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Maria do Céu Vieites e filha, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António José Alves, 2.<sup>o</sup> Sargento do Exército em serviço no R. A. P. n.<sup>o</sup> 2 em Vila Nova de Gaia.

Os nossos cumprimentos.

**Nova Professora** — Com boa classificação, terminou o curso da Escola do Magistério Primário de Braga, a nossa conterrânea, menina Maria da Luz Vilas, filha do nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Arlindo Augusto Vilas, industrial desta vila e da sr.<sup>a</sup> D. Jósina Cerdeira Vilas.

A nova Professora, desejamos as maiores facilidades no desempenho das suas funções e os nossos parabéns.

**Manuel Barbosa da Rocha** — Durante alguns dias, esteve nesta vila, de visita à sua família, o nosso estimado assinante, sr. Manuel Barbosa da Rocha, escrivão do 5.<sup>o</sup> Juízo Cível da cidade do Porto, acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela Peres da Rocha.

Os nossos cumprimentos.

**Delivrance** — Numa Casa de Saúde, da cidade do Porto, teve há dias a sua feliz delivrance, dando à luz uma menina, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Fátima Horta Rego Ferrão de Carvalho, esposa do sr. Mário Acácio Ferrão de Carvalho, (Contabilista).

À neófito foi-lhe posto o nome de Maria Teresa e foram padrinhos seus tios, sr. Afonso Manuel Horta Rego e sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Irene Matos Ferrão de Carvalho, residentes na cidade do Porto.

Os nossos parabéns.

**Casamento Elegante** — No Santuário de Nossa Senhora do Sameiro em Braga, realizou-se no passado dia 27, com toda a solenidade o enlace matrimonial da nossa conterrânea, menina Maria Teresa Rodrigues, Escrivãria da Câmara Municipal de Monção, filha do sr. Manuel Pinto Rodrigues, já falecido e da sr.<sup>a</sup> D. Aida da Purificação Ber-

mudes, com o sr. Manuel Augusto de Sousa, da freguesia de Rouças, filho do sr. Alvaro de Sousa, Tesoureiro da Fazenda Pública desta vila, já falecido e da sr.<sup>a</sup> D. Isaura Gomes de Sousa.

Foram padrinhos o irmão e cunhada do noivo, sr. Professor Armando Henrique de Sousa e a sr.<sup>a</sup> D. Emília Ribeiro de Sousa.

No fim do acto, que foi presidido pelo irmão do noivo, sr. Rev. P.<sup>o</sup> José Alberto de Sousa, o cortejo nupcial dirigiu-se para o «Hotel Sul Americano» da Estância de Turismo do Bom Jesus, onde foi servido um opiparo almoço a inúmeros convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

**D. Palmira Pires Teixeira** — Vinda do Porto, encontrase na sua residência da Calçada desta vila, a nossa conterrânea e estimada assinante, sr.<sup>a</sup> D. Palmira Pires Teixeira, acompanhada da sr.<sup>a</sup> D. Alice Andrade de Oliveira.

Os nossos cumprimentos.

**Aniversário** — No próximo dia 21, festeja o seu aniversário natalício, a nossa conterrânea, menina Ana Maria Gonçalves, filha do nosso estimado assinante, sr. Armando Augusto Gonçalves e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Rodrigues Gonçalves.

Por tal motivo desejamos à aniversariante que tão feliz dato se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

**António Ribeiro** — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. António Ribeiro, escrivão de r.<sup>a</sup> Classe do Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão e nosso colaborador.

**Carlos Alberto Afonso** — De visita à sua família, esteve alguns dias entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Carlos Alberto Afonso, «Radiotécnico» dos C. T. T. em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos.

**Manuel Inácio Durães** — Também de visita à sua família, esteve entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Inácio Durães, Sub-chefe da P. S. P. em Viana do Castelo, acompanhado de sua esposa e filha.

A todos os nossos cumprimentos.

**Franklin Pimenta Lala** — Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Jesus Félix Pimenta e filhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Franklin Pimenta Lala, conceituado comerciante em Luanda.

— Também de visita, esteve entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Cícero Pimenta, acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Lucinda Pimenta, residentes em Lisboa.

A estes nossos conterrâneos, que tiveram a gentileza de oferecer um «Porto de Honra» a vários seus amigos, no Restaurante SNAK BAR 27, desta vila, apresentamos os nossos cumprimentos.

**César Augusto Lira Ribeiro** — Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Ribeiro e seu sobrinho, Francisco José Ribeiro, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso estimado assinante e conterrâneo, sr. César Augusto Lira Ribeiro, conceituado comerciante e industrial em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**Anselmo Fernandes** — Esteve durante alguns dias em gozo de férias, na Estância Termal do Peso, o nosso conterrâneo, sr. Anselmo Fernandes, funcionário Superior da «General Electric» Portuguesa e sócio gerente da Leiloeira Moderna L.da em Almada, acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Fernandes e filha.

Os nossos cumprimentos.

**António Fernandes da Costa Cerdeira** — Após ter passado uma temporada nesta vila, de visita à sua família e amigos, partiu há dias para França, o nosso amigo e conterrâneo, sr. António Fernandes da Costa Cerdeira.

Este nosso amigo, tinha-se deslocado daquele país a fim de se apresentar às inspeções militares, onde ficou apurado para todo o serviço, e que brevemente regressará de novo à sua terra, para ser incorporado numa unidade militar em defesa da sua Pátria.

Bravo, António Cerdeira!

Assim encontram-se poucos!

**Oscar Marinho** — Esteve alguns dias entre nós, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Oscar Marinho, escrivão de 1.<sup>a</sup> Classe do Tribunal da Comarca de Benavente, acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Maria Arminda da Cunha Esteves Marinho e filho.

Os nossos cumprimentos.

**Falecimentos** — Há dias, faleceu em Lisboa, o nosso conterrâneo, sr. António Augusto Veloso, de 36 anos, chefe de mesa do Hotel Baía, daquela cidade.

O extinto que era geralmente estimado, era casado com a sr.<sup>a</sup> D. Albina Pereira

## Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 | Telef. 28241/5 | (6 linhas)  
 29474 |  
 DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 | > 21861  
 Praça Almeida Garrett, 6 | > 28241  
 17-Rua de Sá da Bandeira-19 | > 53452  
 R. Fernandes Tomás (Edif. BTT) | > 28241

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53  
 a abrir brevemente) Rua 1.<sup>a</sup> de Dezembro, 82

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:**

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
 Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
 Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

de Amorim, e filho do sr. Luís Lourenço Veloso, marinheiro aposentado e da sr.<sup>a</sup> D. Isaura Rodrigues Veloso.

O seu funeral, realizou-se para o cemitério daquela localidade, com grande acompanhamento.

A toda a família em luto, apresentamos as nossas sentidas condolências.

— Confortada com todos os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu no passado dia 3, na sua residência do lugar de S. Gregório, Cristóval, a bondosa Senhora, D. Luísa Sampaio Fernandes Esteves, Professora Oficial, de 63 anos de idade.

A extinta senhora, pelas suas excelsas qualidades de carácter e bondade, era geralmente estimada.

Era viúva do saudoso sr. Dr. Júlio de Outeiro Esteves, que foi distinto médico nesta vila, mãe da sr.<sup>a</sup> D. Maria Filomena Sampaio Esteves Fernandes e sogra do sr. José Luís Fernandes, proprietário e industrial em Ponte da Barca.

O seu funeral, realizou-se no dia seguinte, tendo-se incorporado no préstito fúnebre, muitas pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

**Vindos de França** — Chegaram a esta Vila, vindos de França, os nossos conterrâneos Senhores, Dálio dos Santos Pereira, esposa e filhos, Octávio Gonçalves, esposa e filho, António da Rocha Reis e esposa, Manuel Maria Pereira, esposa e filho, José Augusto de Almeida, esposa e filhos, Raúl Ferreira Cardoso, esposa e filhos, Aurélio Ferreira Cerdo, esposa e filhos, Armando Augusto Esteves, esposa e filhos, José de Araújo e esposa, João Pinto Rodrigues, esposa e filhos, Daniel Rodrigues, esposa e filho.

A todos os nossos cumprimentos.

## Sociedade

Aniversários

Fazem anos: amanhã, Alberto Magno Pereira de Castro; no dia 17, menina Jacinta de Fátima Carvalho de Melo; no dia 18, D. Maria de Lourdes Magalhães Machado Lourenço, Maria Fernanda Esteves Teixeira e Albertina Domingues; no dia 19, Cláudio de Sousa Lobato, P.<sup>o</sup> José Marques e Jorge Dantas da Costa Afonso; no dia 21, D. Maria Rosa Fernandes Domingues; no dia 22, D. Maria da Assunção Madeira, D. Maria Herminia Rodrigues Pereira e Alberto Augusto de Sousa e Castro; no dia 23, D. Esmália de Nazaré dos Santos Lima Peres, D. Maria da Glória Gonçalves Pereira e Mário Augusto Feliciano; no dia 24, José da Rocha; no dia 25, eng.<sup>o</sup> Armando Jorge Ferreira da Silva e dr. Artur Anselmo Gonçalves de Castro; no dia 26, D. Albertina do Céu Domingues e António de Jesus Merim; no dia 27, D. Felicidade Augusta Gomes de Sousa Calheiros; no dia 28, D. Maria Alzira da Costa Velho Cardoso, D. Sabina Aleixo Soares e Claudino Augusto Rodrigues; no dia 29, João Baptista Vaz, Manuel Augusto Barreiros e Mário José Solheiro Pinto; no dia 30, Herculano Arsenio Gomes Pinheiro; no dia 31, a menina Maria Manuela Lima Peres, José Simplicio Moreira (Peleila) e Martins de Barros.

## Correspondência de PRADO

— Regressaram de França: António Nogueira, sua esposa e filhas; Armando Nogueira, sua esposa D. Helena Domingues Nogueira, filhas, genros e netas do nosso assinante Abílio Domingues e de sua esposa D. Zulmira Dantas Domingues que residem em França; José do Anjo e sua esposa; José da Rocha e sua esposa; Emídio José de Castro e outros.

— De Lisboa, para onde já regressaram, estiveram entre nós, José Lourenço Gomes de Sousa e esposa D. Maria José Gomes de Sousa.

— Do Porto, onde anda a tirar o Curso de Engenheiro Civil regressou Telmo Alves Domingues.

Que todos sejam bemvidos são os nossos ardentes desejos. — C.

### Manuel Vicente Coelho

IGREJA — ROUÇAS — MELGAÇO  
 TEL. 42272

Nas FESTAS, encarrega-se de: Serviço de alti-falantes; primorosas instalações eléctricas; todas as ornamentações dos templos; figuras e andores.

É tudo mais barato que os outros!

Consulte-nos e preferir-nos-á

## «MANCOZAN AZUL»

Pó molhável micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vossa sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HA.

Patente: ROHNU e HAAS C.<sup>a</sup> - U.N.A., n.<sup>o</sup> 3951

Agente distribuidor: Miguel H. G. Pereira

MELGAÇO

# Posse do Vice-Presidente da Câmara

(Continuação da 1.ª página)

pensando na escolha de um Vice-Presidente, pois que era essa a orientação que queria seguir para todos os concelhos do Distrito. Manifestei-lhe então as dificuldades com que eu iria deparar. Mas, dado que era orientação a seguir para todos os concelhos, e sem excepção, aceitei-a.

Agora, depois de resolvida para mim a maior dificuldade — a de encontrar pessoa capaz — sinto-me satisfeito. Lamento somente que alguns elementos tentassem desvirtuar a intenção de V. Ex.ª, espalhando, com ares de vitória, que a nomeação do Vice-Presidente seria uma imposição feita ao Presidente da Câmara de Melgaço.

É preciso não me conhecerem para, nestas circunstâncias, me julgarem capaz de aceitar imposições!

Fui, e serei sempre, um humílimo servidor da coisa pública. Mas, repare-se bem, somente até ao ponto em que isso não brigue, no mínimo que seja, com a minha dignidade, que prezo acima de tudo. Se fosse uma imposição, como se fez constar e se deu com certeza, isso só teria da minha parte uma solução digna: a não aceitação e, consequentemente, o pedido de exoneração.

A Presidência da Câmara não me envaidece nem nunca me envaideceu, e seria para mim grande descanso e alívio libertar-me dela. Não a desejei, não a pedi e antes a recusei como muitos sabem e a outros poderei prová-lo.

Contudo, não serei nem desertor nem cobarde. Enfrentarei todas as dificuldades e todos os ventos sem recuar e inteiramente seguro de ter cumprido sempre o meu dever e de nada ter a recear.

Eu sei, Senhor Governador, que V. Ex.ª não pensou em tal imposição e que foram outras as razões, razões mais altas e mais nobres, que o levaram a seguir tal orientação. É a Lei que prevê a nomeação do Vice-Presidente para substituir o Presidente nas suas faltas ou nos seus impedimentos. Estes surgem quando menos se espera e a vida municipal tem de continuar; não se compadece mesmo com qualquer doença que possa surgir.

Reconhecemos também que é preciso que outros se vão preparando para continuar a servir o que é de todos, porventura até para lhes podermos transmitir aquilo que a experiência nos ensinou de útil. E ainda reconhecemos que é preciso interessar na vida pública o maior número de pessoas.

Foi neste sentido que V. Ex.ª, Senhor Governador, quis e quer actuar. Ahamos medida acertadíssima e só não compreendemos como se procurou desvirtuá-la.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Dito isto, é com muito prazer que me vou referir ao nosso empossado:

O Professor Nuno exerce a sua profissão em Alvaredo, freguesia da sua naturalidade e onde reside.

É muito estimado e apreciado pelas suas qualidades de bondade, inteligência e carácter.

É professor competente.

Como membro da Junta, demonstrou possuir qualidades de exemplar dirigente, ao resolver os problemas, evitando atritos e harmonizando o interesse público com o particular.

Um exemplo concreto: No abastecimento de água pôr fontanários àquela freguesia, conseguiu, sem qualquer expropriação e sem aborrecimentos, que tudo se equacionasse e ficasse bem.

Graças à sua acção, tem sido ali sempre facilitada a missão do Presidente da Câmara.

O professor Nuno é por tudo isto considerado e estimado na sua freguesia. E essa consideração e estima estendem-se a todo o concelho que o tem por pessoa séria, honesta e exemplar, não só como filho e como Pai, mas também como Professor e como cidadão.

Esta nomeação é pois do agrado dos Melgacenses.

Meus Senhores:

Quem serve o bem comum não pode ter a presunção de agradar a todos. Sabemos que é assim e não podemos estranhar que, de vez em quando, se mimoseie com censuras ou críticas menos justas aquele que governa ou administra...

Não estão isentos destas críticas os mais altos Magistrados da Nação, para termos a veleidade de não as considerarmos o pão nosso de cada dia dos modestos dirigentes das autarquias locais...

É evidente que só pode agradar a todos aquele que nunca serviu. Para este, os ventos são todos de feição, até à primeira viragem...

Há pessoas que em nada vêem dificuldades. Resolvem à mesa do café todos os problemas e dão a tudo uma solução rápida e cómoda. Apetecia perguntar a esses se em casa não têm problemas e se os resolvem assim com a facilidade com que querem ver resolvidos os comuns. São os teóricos de café... Ora as coisas não são assim. Quem pensa maduramente e está em contacto com a vida, vê que por mais que se queira e se peça, se insista e se teime, tudo leva o seu tempo e tudo tem que esperar a sua vez. E o que se dá com a vida camarária dá-se, em maior escala, com a vida nacional. Não devemos ter a pretensão de que, quem governa, resolva, num ápice, todos os problemas e necessidades, sentidas desde há muitos anos pelas populações. No caso particular do nosso município, temos que compreender que os recursos são limitados e que outros têm necessidade como nós.

A defesa do Património Ultramarino leva milhões de contos anuais cerca de 60%, do orçamento nacional e está no primeiro lugar das preocupações dos governantes. O progresso, claro está, é com isso profundamente afectado. Mas para alguns parece que esta despesa não conta, consideram-na insignificante, com certeza, e que o progresso poderia continuar com o mesmo ritmo. Apesar disso, Melgaço nestes últimos tempos tem recebido do Estado, muito, mesmo muito!

Pedir sim, pedir sempre. Mas sabemos esperar e compre-

der as dificuldades provenientes da defesa da integridade pátria.

Sejamos bem intencionados! Em vez de críticas destrutivas, colaboremos leal e validamente com quem tiver os cargos da governação, já que só assim poderemos conseguir mais de posse e melhor o que todos pretendemos.

Da minha parte, continuarei a pugnar, sem desfalecimentos, usando as qualidades do trabalho que Deus me deu e a que fui sempre habituado, pelo maior progresso e bem-estar do concelho. O Presidente da Câmara agradece toda a colaboração neste sentido. Aos não colaboradores e fomentadores de discórdia apenas lhes peço, e peço sem favor:

1.º — Que sejam verdadeiros:

2.º — Que meditem nas seguintes palavras que o Presidente do Conselho proferiu na sua «conversa em família» no dia 9 de Abril último:

«... Essa necessária acção de valorização rural carece da colaboração das autoridades locais e, em especial, dos governadores civis e dos presidentes das Câmaras. Muitas vezes não se presta a devida justiça às conseqüências que pela causa pública suportam estes servidores da Nação. E todavia, em tempos de egoísmo e de retraimento, eles velam pelo bem-estar dos seus concidadãos, preocupam-se com o que é de todos, ralam-se com as aflições dos outros, perdem horas a procurar remédio para os males alheios e têm de suportar as incompreensões, os despeitos, as más vontades tão frequentes nos meios pequenos e vindas daqueles mesmos a quem querem servir...»

Sim! Meditem!

Apesar de todas as ingratições, incompreensões, despeitos e más vontades contra os Presidentes das Câmaras, não esqueçamos, ao menos, que a Pátria precisa de todos nós. Em favor dela, é que esperamos e pedimos que não haja deserções.

De resto, o que é preciso é que, apesar de todos os vendavais contrários, a nossa consciência não nos acuse e esteja satisfeita pelo dever cumprido. É aquele que cumpre, que tem a temer? Alguns adversários? Mal vai de quem os não tem!

\* \* \*

Neste momento quero render as minhas homenagens e manifestar o meu profundo respeito a essa figura tão querida do povo português, o bondoso e venerando Chefe do Estado, Contra-Almirante Américo Tomaz, esteio seguro e salvaguarda da união dos portugueses.

Iguais sentimentos manifesto para com o homem extraordinário, o já tão popular Chefe do Governo, Doutor Marcelo Caetano. E Sua Excelência o governante próprio do momento actual o que a Previdência nos deu para ser verdadeiro continuador de Salazar.

Unamo-nos à volta destes dois Chefes e tenhamos a certeza que assim conseguiremos mais e melhor para a nossa Terra.

Senhor Governador:

Desde já pedimos que patrocine sempre os nossos anseios, que são muitos, na verdade, para podermos ter bom despacho e que faça ver aos governantes que Melgaço bem precisa da sua protecção.

Temos a certeza que assim será: aliás V. Ex.ª já o tem demonstrado. Ainda há pouco, na visita de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, lembrou às Câmaras a conveniência de apresentarem pedidos, e a sugestão deu os seus frutos. O Senhor Ministro concedeu-nos naquela reunião de trabalho, como V. Ex.ª sabe, algumas verbas para as necessidades mais prementes que lhe foram por mim apresentadas.

Muito obrigado, Senhor Governador!

Não quero terminar sem dirigir uma palavra de apreço e gratidão para os representantes da Imprensa aqui presentes, pelo interesse e carinho com que sempre tratam as aspirações de Melgaço. Deles esperamos e lhes agradecemos que continuem com o mesmo ardor a bater-se pelo progresso da nossa Terra, na defesa dos nossos anseios.

Meus caros Municípios:

O meu agradecimento pela vossa presença no acto de posse do que fica a ser o meu mais directo colaborador. Peço-vos para ele a mesma colaboração e estima que sempre tendes tido e manifestado pelo Presidente.

Ajudai-nos, para podermos fazer progredir a nossa Terra. Ao Presidente e Vice-Presidente não lhes faltará vontade e entusiasmo. O Presidente, não se considera velho nem cansado, graças a Deus, mas, com o vigor e entusiasmo das primeiras horas.

Continuaremos a trabalhar para podermos ir dando satisfação a todas as aspirações dos municípios, de harmonia com os recursos da Câmara e com o auxílio indispensável do Estado.

## Discurso do Sr. Presidente da U. N.

Digníssimo Senhor Governador Civil  
Ex.ªs Autoridades  
Minhas Senhoras e meus Senhores.

Na qualidade de Presidente da U. N. concelhia, cabe-me a honra de saudar V. Ex.ª nesta primeira visita oficial ao nosso concelho. É com alegria que o faço, porque saúdo em V. Ex.ª o lúcido representante, neste Distrito, do Governo da Nação a que preside Sua Ex.ª o Senhor Professor Doutor Marcello Caetano.

Eu vivo ainda o momento de exaltação política e nacionalista que há dias nos brindou a Comissão Executiva da U. N., na minhota cidade de Barcelos, e meus sentimentos navegam na euforia daqueles jovens que tinham firmadas suas esperanças na sua juventude; V. Ex.ª sabe, (estava lá), que foi aberta a luz verde a esta política nova das novas gerações.

A U. N. é um Organismo Político, independente, onde cabem todos os portugueses de Boa Vontade, que amam acima de tudo a sua Pátria.

Cabe à U. N. um papel de colaboração na administração local. Este espírito de coordenação político-administrativa tem sido sempre o nosso guia. A nossa colaboração nunca faltou, sempre com espírito aberto e atento às necessidades da época e do concelho.

A U. N. tem responsabilidades que não pode confundir com amizades; essas responsabilidades sobrepõem-se quaisquer interesses particulares.

A U. N. quer e procura ver realizado o progresso e não

(Continua na página seguinte)

Seria injustiça neste momento, não ter uma palavra mais de agradecimento:

Essa, e bem merecida, é para todos os leais e prestantes colaboradores, desde o Regedor e Presidente da Junta, portavozes diligentes dos anseios das freguesias, até aos sacrificados Vogais do Conselho Municipal e Vereadores da Câmara, os mais directamente ligados ao Governo e progresso do Concelho.

Não esqueço também o zelo e a dedicação dos funcionários e nunca poderia olvidar ou deixar sem uma palavra de muita estima e agradecimento a útil e sempre pronta colaboração dos Reverendos Párcos do Concelho, a toda a hora dispostos, com abnegação e sacrifício, a informar, a orientar e a esclarecer os seus paroquianos sobre os assuntos de interesse para a boa administração.

A todos, com a minha mais elevada estima, renovo o pedido e o convite para que continuem a prestar-nos a sua valiosa e desinteressada colaboração.

Ainda, antes de terminar, mais uma palavra de muito apreço e amizade pelo que foi neste Distrito, Director Escolar, hoje Inspector e aqui entre nós, Mário Nogueira Gonçalves. Aliás, esta amizade e apreço têm-lhe sido manifestadas por todo o lado onde tem servido.

Meu caro Vice-Presidente:

Que lhe hei-de prometer? Que hei-de esperar de si?

Da minha parte, toda a lealdade, e sobretudo uma sã e verdadeira amizade. Haja o que houver e seja o que for não trairei nunca as nossas boas relações, absolutamente indispensáveis ao desempenho das nossas funções.

Tenho a certeza também que não trairemos nunca a nossa consciência e que continuaremos a servir com justiça, a servir sem atropelos o bem público.

Da sua parte, só espero a mesma retribuição, na certeza antecipada que assim há-de ser.

Muitas, muitas felicidades

# A Posse do Vice-Presidente da Câmara

(Continuação da página anterior)

pode aliar-se a qualquer imobilismo proceda ele das esquerdas ou venha ele das direitas.

Este imobilismo prejudicial, como ainda o ouvimos ontem, (e V. Ex.<sup>a</sup> ouviu e apoiou, Senhor Governador) este imobilismo prejudicial é o maior amigo dos nossos inimigos e não se pode consentir que se adentre e se perfile nas alas da União Nacional.

Também nós, como membros conscientes e esclarecidos, não temos inconvenientes em ter de abrir às direitas ou às esquerdas, quando essas esquerdas ou essas direitas representem acção social, progresso intelectual e material, quando representem esforço criador e unidade nacional.

Também nós, não temos inconvenientes que nos apoiem das direitas ou das esquerdas, quando, não admitindo o imobilismo, procuramos, pelos meios que nos são lícitos, activar a mecânica administrativa local.

A propósito, lembro uma frase de Moisés Tchombé, aquando duma visita a Angola, após o surto de terrorismo, perante o posterior e espantoso desenvolvimento que tinha verificado em Luanda, disse: Os Portugueses devem um Monumento ao terrorismo.

Nós não queremos monumentos, nem apoiamos o terrorismo mas sabemos pela história que as grandes realizações são muitas vezes o resultante de movimentos que vêm contrariar modos rotineiros e ultrapassados que não se coadunam, nem com o tempo, nem com a índole dos povos.

V. Ex.<sup>a</sup>, ouviu, Senhor Governador, o Doutor Mello e Castro, como temos necessidade de ser a geração que prepara a década de setenta; a geração que tem de criar condições para que nessa década haja um maior nível de vida, bem estar social, numa palavra, uma promoção a escala nacional, das camadas menos favorecidas.

Nós já a vinhamos preparando, e foi com a maior satisfação que ouvimos as pessoas responsáveis, dentro da Organização a que temos a honra de pertencer, apontar-nos um caminho que há muito encetamos.

O homem simples, o contribuinte, o munícipe mais des preocupado, tem sempre os olhos postos naqueles que mais proximamente os governam, resultando daí que todos os seus actos administrativos e mesmo particulares, são analisados, interpretados, diríamos mais, vigiados, até criticados e avaliados, donde se conclui a grave responsabilidade que impende sobre aqueles que livremente aceitaram a administração da coisa pública. Nós atrevemo-nos a dizer que administração seria sinónimo de estar sujeito a crítica, crítica positiva, crítica negativa, o sinal dependerá de administração praticada.

A crítica é necessária: todo o homem inteligente, admite e aceita a crítica, como meio válido de perfeição. A crítica acelera e aperfeiçoa a administração ou o administrador. Recordo-me, ainda bem pouco há, de um Presidente da Câmara agradecer publicamente aos jornalistas todas as críticas que haviam feito durante o seu mandato, porque essas críticas o tinham aperfeiçoado e ajudado a conseguir, junto dos poderes centrais, soluções desejadas, apoiado apenas nessa mesma crítica.

Bendiguemos os críticos e alegremo-nos se eles existem na nossa terra, porque isso significa que ela tem valores que a enriquecem.

Homenageemos o indivíduo que tendo capacidade crítica, destemidamente a pratica, sabendo que vai ser repudiado por aqueles que não a admitem, e se esforçarão por desencadear todas as armas de que dispõem para o comprometer perante a Sociedade.

Côncios da nossa responsabilidade, que aceitamos livremente, alegremente, com intenções limpas, e sem mira em quaisquer interesses materiais, ousamos afirmar perante V. Ex.<sup>a</sup>, que estamos apostados, como há dias ouvimos dizer, dentro do Estado Novo Renovado, e da nova U. N., a continuar, sem desfalecimento nem quebra de unidade, — o que não permitimos — com vigor e tenacidade, a defender e a apoiar os princípios e doutrina que encarna Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente do Conselho e que defendemos através da U. N.

Senhor Governador, V. Ex.<sup>a</sup> deve ter, ainda bem presente, o apelo que se fez no Teatro Gil Vicente, de abertura aos novos no que representam de vitalidade, de generosidade, vontade criadora, possibilidades realizadoras e, sobretudo, um inconformismo absoluto e total, quando lhes é negado o diálogo.

Nós admitimos o diálogo, nós queremos o diálogo, como meio de Unidade da Família Melgacense. Desejamos e preparamos o desenvolvimento de que a terra é merecedora e a que tem direito, e pelo qual não duvidamos em nos sacrificar. É que, para nós, o progresso não é uma questão de barriga, é uma questão de princípios, é uma questão de honra, é uma questão de dignidade humana, que brota do nosso carácter, por natureza e por educação.

Unidade da Família Melgacense, sim, mas progresso acima e sacrificando mesmo a própria Unidade.

Percam-se as amizades, se assim o desejam, mas salvem-se os princípios.

Melgacenses, estamos a assistir à tomada de posse de um Vice-Presidente. Alegremo-nos, se isto representa um possível elo de ligação entre os nossos desejos e o progresso da nossa terra.

Em Boa Hora, Senhor Professor Nuno.

N. da R. — Pediram-nos para informar que a maioria dos membros da Comissão Concelhia da União Nacional de Melgaço não apoia, nem o teor, nem o tom do discurso que o Sr. Presidente leu. Nós, todavia, por lealdade informativa, transcrevemo-lo para conhecimento dos nossos leitores.

## O discurso do Senhor Governador Civil

Nota — *Embora o tenhamos todo gravado, não o transcrevemos integralmente, dada a sua amplitude, mas esperamos que os trechos transcritos fielmente, sejam expressão inequívoca do seu pensamento central.*

O Senhor Governador começou por saudar e agradecer o calor da recepção prestada, e que tanto o tinha emocionado.

Disse ter vindo a Melgaço por interesse do seu progresso e com intenções limpas. Quem será capaz de dar um passo, que não seja com essas intenções?

Disse ainda que não acreditava ser possível encontrar em Melgaço uma alma só, que não tenha intenções limpas.

Referiu-se, seguidamente, ao sr. Mário Nogueira, como exemplo de honestidade e carácter ímpoluto; um homem que nunca pediu nada em contrapartida dos serviços prestados. «É um exemplo».

Falou, depois, do acto de posse do novo Vice-Presidente, e disse que a explicação dada pelo sr. Presidente da Câmara tinha sido verdadeira. Dada a importância do discurso a pronunciar, pensou até em o escrever, mas também acreditou que Melgaço lhe faria a justiça de o acreditar.

Evocou, de seguida, o motivo da nomeação do novo Vice-Presidente e disse que isso parte de um velho princípio seu de pensar que é sempre mais vantajoso que os esforços se repartam. «Não aceitou o próprio Cristo um cerneio?». Há ainda que dar a oportunidade a que as pessoas possam treinar-se e aprender com aqueles que já têm larga experiência, como é o caso do sr. Presidente da Câmara, e fazer com que se garanta sempre uma certa continuidade.

E, para que não restassem quaisquer dúvidas quanto à paternidade da nomeação do sr. Vice-Presidente, disse textualmente: «Quando, em certa altura, o disse, não só ao sr. Presidente da Câmara, como, mais tarde, depois, ao sr. Presidente da Comissão Concelhia que era minha intenção, dentro da administração que me propus, dotar os concelhos, que o não tivessem, com vice-presidentes da Câmara, pois estava a realizar um pensamento sério, um pensamento que eu nunca supus que pudesse prestar-se a especulações que não desejei e até, e vamos lá, nunca supus que servisse para o que quer que fosse que hoje aqui pudesse o acontercer ser lembrado ainda que vagamente. Eu não creio que possamos ganhar nada em nos dividirmos; eu não creio que possamos ganhar o que quer que seja em nos desconhecemos, em nos desencontrarmos!».

E continuou, também textualmente: «O homem público está sujeito a crítica; crítica de parte a parte. A crítica ajuda, espicaça, evidentemente que construtiva lhe chamam os que querem construir, evidentemente que não pode deixar-se de considerar-se que há uma parte boa nas coisas más, como há uma parte má nas coisas boas. É da natureza das

coisas juntarem às virtudes alguns pecados, e, só assim, são completamente homens».

«Melgaço merece progredir e tem de progredir. Melgaço quer progredir e tem de progredir. Melgaço tem sabido andar na vanguarda daqueles que querem olhar para a frente, para o alto, para as estrelas, mas tem de poder contar com todos os seus filhos, tem de poder contar com o esforço de cada um».

«Servir é, em princípio, antes de tudo, descontentar, pois não é verdade que quem serve nunca consegue realizar tudo o que os outros desejam, que ele próprio deseja, sonha, de noite, de dia, em cada hora em que pretende cumprir a missão que lhe foi confiada?».

«Governar é difícil; é descontentar».

«Haverá alguém que duvide deste programa simples de nos unirmos para realizarmos? Deixo a resposta à consciência de cada um».

Fez, depois, um apelo para olhar para o futuro. «As melhores faculdades que os homens podem ter, não é recordar; é esquecer. Temos de esquecer para nos voltarmos para o futuro. Temos de nos unir para conquistar um lugar ao sol deste Melgaço que todos idolatramos».

Disse ainda que esta linguagem só pode ser entendida pelos que disso forem capazes.

Evocou, a terminar, a presença feminina na tomada de posse do Vice-Presidente, como testemunho inequívoco de uma escolha acertada e da confiança que ao sexo feminino lhe ins-

piram os seus dirigentes, desta terra que, de si, já tão feminina é. A sua presença mostra que elas estão com os que regem os destinos de Melgaço e todos que do seu progresso se interessam e ali estão presentes.

Referiu-se às dificuldades que o novo empossado vai encontrar, mas disse que acreditava existirem nele as respectivas qualidades para as enfrentar; de contrário, não aceitaria o cargo. E terminou assim: «Sr. Vice-Presidente, desde hoje é um dos braços do Presidente da Câmara. Há-de, com certeza, continuar a ser aquele carácter, aquela pessoa íntegra que fez com que merecesse ser escolhido para este lugar. Eu não duvido do êxito, mas ousou solicitar que, na medida das suas forças, na medida em que possa entregar-se à função, não desperdice as oportunidades. Lance-se, sr. Vice-Presidente, em colaboração com o sr. Presidente da Câmara, ao serviço público e verá que, no fim, quando todos dizem, em coro, às vezes desalentados: não vale a pena, nós, ao deitarmos-nos na nossa cama, fazendo o nosso exame de consciência de cada dia, ao sabermos que alguma coisa realizámos, que alegria temos quando podemos dizer com verdade: valeu a pena!».

Tenho a certeza que, ao deixar o cargo que hoje toma, sem remorsos, que os não terá, há-de poder dizer, apesar das amarguras que vai passar, e eu lhe profetizo, há-de poder dizer — e é com essas palavras que eu termino — valeu a pena!».

## Discurso do Vice-Presidente da Câmara Prof. Nuno Cândido Domingues

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador Civil

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional

Ex.<sup>mas</sup> Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Julgo ser praxe, nestas ocasiões, o empossado dizer alguma coisa. E, se assim é, não quero faltar a esse costume, que, bom ou mau, não importa, se vai tornando lei.

Serei breve, até porque de modo algum pretendo abusar da paciência de V. Ex.<sup>a</sup>, não dispondo de dotes oratórios e facilidades de expressão capazes de agradar, tornando, consequentemente, o tempo mais curto.

Que dizer então, e como fazê-lo? À segunda parte da pergunta respondo facilmente: de uma maneira simples, sem rodeios nem arrebiques de oratória. Sinceramente, tal qual eu sou: simples e leal. À primeira parte não será também difícil responder, embora a resposta, modesta e simples — ainda uma vez mais — possa não agradar a toda a gente.

Que dizer então? Apenas isto: Obrigado e um apelo. Obrigado ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara pela con-

fiança em mim depositada ao convidar-me para este cargo; confiança que procurarei conservar e, se possível, aumentar mais e mais com a minha sincera e total colaboração e amizade. Para si, Senhor Presidente, a certeza inamovível de leal amizade e colaboração — a única e, estou certo, a melhor satisfação que poderei garantir-lhe ainda mesmo e sobretudo nas horas mais difíceis. Obrigado ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador Civil, lido representante do Governo no Distrito, pela anuência e confirmação da escolha apresentada pelo Senhor Presidente da Câmara. Obrigado pela Vossa presença neste lugar e por tudo quanto a meu respeito se disse.

Eu sei que todos quantos aqui se encontram e todos quantos se pronunciaram, são meus amigos; e essa amizade e só ela os levou a dizer tanto quanto se lhes ouviu. Reconheço aquilo que sou e aquilo que valho e, não julguem ser modestia, não vislumbro em mim tantas e tão distintas qualidades. Atribuo-as à boa vontade de V. Ex.<sup>as</sup>, e ao desejo de verem na pessoa do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Melgaço todos esses predicados, a fim de bem desempenhar as funções que lhe forem confiadas e satisfazer as esperanças nele depositadas. Tudo farei para que assim seja, e, bem hajam.

(Conclui na pág. 5)

# Do Senhor do Bomfim a Paris

- ★ Um adeus ao Lar de S. José...
- ★ E ao Hospital...
- ★ Um ano grande em Melgaço...
- ★ Um menino que nunca será como os outros...
- ★ Nas cadeias de Espanha...
- ★ Numa clínica de Madrid...

A todos nos fazem muita falta umas férias. Depois de um ano de trabalho, duro e intenso, impõe-se-nos um período de repouso.

E que não seja como o do rapaz da Trofa, a quem o mestre dizia, depois da leve refeição duma sopa: — ó rapaz, enquanto descansas, muda-me a pedra.

E tantas vezes este o nosso repouso: mudar outra pedra.

\* \* \*

Pois este ano fui ao Senhor do Bomfim. O sr. P. José, dos Anhões, já há muito me convidava para a sua festa. E nunca me foi possível. Este ano, subi ali com minha família.

E que bem! Que bem nos faz a nós, sacerdotes, vermos a devoção profunda, sincera, de tantos dos nossos irmãos leigos. Na santa missa, na procissão e pelo dia fora.

Senti na minha alma o canto do *Credo*. *Credo, sim, ó Jesus!* Num tempo de largo ateísmo praticado por multidões no mundo comunista e não comunista, ali, no alto daquele monte, perante tantos irmãos na fé, eu sinto a vida daquelas palavras: — *Credo na minha vida futura!*

E lembrem-me as palavras de Jesus: — Graças Vos dou ó Pai, porque escondestes estas coisas aos sábios e as revelastes aos pequeninos!

Gostei muito daquele dia.

\* \* \*

Depois, a 18 de Julho, na minha freguesia, a festa da Padroeira. Não foi lá muito concorrida. Mas que bem, aquela missa a 3 vezes da autoria dum finalista de Rouças e tão belamente executada por um grupo de cantores da freguesia.

Uma senhora de Paris actualmente em férias, junto da vila de Melgaço, dizia-me, dias depois: — mas que maravilha, sr. Padre!

\* \* \*

No dia 21, de manhã, subi para o carro, desci até à vila, tomei um café, olhei para o Lar de S. José e despedi-me. O Lar! Ali tenho ido, de graça ao longo de quase nove anos e quase todos os dias vou dar a comunhão aos nossos irmãos e a bênção do Santíssimo! Procuo dizer-lhes sempre umas palavrinhas de conforto. Quem me dera encher-lhes a alma de alegria! Ali sustentamos diariamente umas 20 pessoas.

Antes e a tempo, fui despedir-me de todos eles, bem como dos doentes e do pessoal do hospital.

E vim por S. Gregório para a Frieira.

E, pelo caminho, vinha lembrando esta grande graça de Deus: — 4 Padres novos, este ano, em Melgaço.

O mundo, neste tempo, não compreende bem o que isto quer dizer. Quatro Padres novos, na nossa terra, ao fim de

doze anos de estudo no Seminário.

Poder abraçar o Senhor e beijá-IO e dizer-Lhe: Senhor, virgem como Vós! E por causa Vossa — ao serviço do Vosso reino!

Um Padre, no mundo! Que os nossos irmãos leigos nos não censurem, mas ajudem-nos com suas orações.

Isto é sublime! Sim, que os nossos irmãos leigos nos ajudem com suas orações!

\* \* \*

Em Orense, subi para o Ter que me havia de trazer a Madrid.

Ao meu lado, um jovem doutor de Málaga, que prepara uma tese sobre Sartre. Falamos muito pelo caminho. Pude verificar a riqueza de sua bela alma, vivendo para o seu lar, a sua Esposa e um filhinho.

Mas aquele meu companheiro encheu-me de tristeza, ao revelar-me que o seu único filhinho era anormal. E dizia-me: Olhe, sr. Padre, não faltei com nada a minha esposa. Durante o período de gravidez levei-a aos melhores especialistas. E por várias vezes. E no fim, meu filhinho é um anormal e para toda a vida! Padre, não imagina a minha dor.

E na minha terra, ao meu lado, tantas esposas pobres, nunca vão ao médico, durante a gravidez e os seus filhos, no geral, são perfeitos e felizes!

Prometi rezar pelo menino. Às almas boas, recomendo este caso. A Deus nada é impossível. Rezemos. Que bem, se um dia esta criança for um homem normal como os outros!

\* \* \*

Viajando ao lado da fronteira, recordei o drama de tantos meus compatriotas procurando terras de França, para ganhar a sua vida.

A cidade de Zamora lembrou-me as cadeias do norte de Espanha. Por muitas delas andei eu, em busca de presos, meus vizinhos e amigos.

Desde Arbo a S. Sebastião, pude abrir a porta a muitos deles.

Como todo o Melgacense, procuro fazer o bem que me é possível. E tenho feito da minha vida, uma vida de serviço.

Quem me dera fazer mais e melhor!

\* \* \*

Cheguei a Madrid. Esperavam-me, na estação, duas irmãszinhas. E aqui estou num Sanatório, e não sei se será preciso sujeitar-me a uma operação.

Saudades a todos.

P. CARLOS

## Quadra popular

Os meus olhos são dois rios correndo na mansidão; abrem-se as portas da barra na fox do teu coração.

# O discurso do Vice-Presidente da Câmara

(Continuação da pág. 4)

Um apelo... direi mais, um veemente apelo à união, à sua convivência. Todos não seremos demais para levar Melgaço ao lugar que lhe cabe; todos seremos poucos para granjear e obter para a nossa TERRA tudo quanto ela precisa, aqueles melhoramentos de que tanto carece a sua população e torná-la cada vez mais próspera aos olhos de todos.

Avante, pois, de mãos dadas, esquecendo possíveis agravos e questões, trabalhando por um Melgaço melhor. A todos asseguro que encontrarão no Vice-Presidente da Câmara sempre um amigo pronto a ouvir-vos, a colaborar com todos em causa justa em favor e prestígio do concelho.

Ponhamos ressentimentos de parte e unâmo-nos todos, bem intencionados, em íntima colaboração, numa arrancada vitoriosa para o progresso e bem estar de todos os Melgacenses.

Praza a Deus — e já me sentiria feliz se o conseguisse, já valeria a pena ter aceitado tão honroso quanto difícil cargo em hora ainda mais difícil — consiga ser elo de união entre os Melgacenses separados.

Vontade não me falta e estou certo de que todos quantos têm agido de boa fé sabão compreender e procurarão auxiliar-nos, trabalhando connosco. Disse.

## Senhora da Vista

Realizou-se, como sempre, a festividade em honra de Nossa Senhora da Vista, tendo ocorrido enorme número deromeiros.

Foi orador o rev. do P. Bento, de Penso, e a parte musical esteve a cargo da banda de música «Os Cadetes» de Tangil.

Alguns carros, mais atrevidos, lá se decidiram a ir até à Adavelha — os outros ficaram na Adedela.

O novo melhoramento do asfaltamento da estrada de Fiães à Adavelha vai ser um daqueles que mais fundo ficarão gravados no animo da boa gente de Fiães, sempre reconhecida a quem lhe procura o bem.

## Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

## Vinho do Porto! Delícia de Portugal

## Vinho do Porto BARROS

DELICIA DO VINHO DO PORTO

## Lágrima Cristi Barros

EM FRANÇA

O MAIS PREFERIDO

# Grémio da Lavoura de Melgaço

## CONCURSO PECUÁRIO

Promovido pelo Grémio da Lavoura e enquadrado nas Festas do Concelho, realizou-se no dia 8 o 5.º Concurso Pecuário de gado barroco e de gado galego.

O Juri da classificação foi presidido pelo Sr. Intendente de Pecuária de Viana do Castelo e contituido por diversos médicos veterinários e por um representante do Grémio da Lavoura.

Os 48 prémios, atribuídos aos melhores exemplares de gado, totalizavam o valor de 18705\$00 e eram constituídos por 12 valiosas Taças, sendo a oferecida pelo Banco Pinto de Magalhães em prata, no valor de 5400\$00, um relógio despertador, no valor de 100\$00, 9340\$00 em dinheiro, e produtos de utilidade agrícola, no valor 3965\$00.

Comparticiparam, subsidiando com dinheiro, as seguintes entidades: Direcção-Geral e Junta N.º Produtos Pecuários 1500\$00; Câmara M. de Melgaço, 1500\$00; Junta Distrital, 500\$00; Comissão de Festas, 500\$00; Bento Peixoto e Lopes, 100\$00; Casa Paris, 100\$00; Federação dos G. L. de Entre Douro e Minho, 150\$00; Grémio da Lavoura de Melgaço, 3600\$00.

O Comércio desta Vila participou: —

Com Taças: Banco Pinto de Magalhães — em prata; Ourivesaria Coimbra; Comissão das Festas; Stand Melgacense; Abel Pires (talhante); Restaurante «O 27»; Café Central.

Com um despertador — Ourivesaria Lucena.

Com produtos — Manuel Lourenço.

## Distribuição de prémios

À porta do Grémio, em tribuna própria, conforme ia desfilar o gado premiado iam sendo entregues os respectivos prémios. Mencionamos os principais: —

### Touros reprodutores:

1.º Prémio a José Bento Gomes, de S. Paio — Taça P. Magalhães, produtos e 500\$00 em dinheiro; 2.º Prémio a Manuel Afonso Cerdeirinha, de Parada do Monte — Taça Casa Flora, produtos e 350\$00; 3.º Prémio a Augusto M.º Gaspar, do Peso — Relógio e 250\$00.

### Novilhos reprodutores:

1.º Prémio a Silvestre Alves, da Gave — Taça Stand Melgacense, produtos e 300\$00; 2.º Prémio a Francisco M. Alves, de Paços — Produtos e 200\$00.

### Junta de bois de trabalho:

1.º Prémio a José Fernandes, de Rouças — Taça Abel Pires, produtos e 300\$00.

### Vacas isoladas — raça barroca:

1.º Prémio a António Caldas, de Paderne — Taça Ourivesaria Coimbra, produtos e 400\$00; 2.º Prémio a Augusto M. Gaspar, do Peso — Taça Restaurante «O 27», produtos e 350\$00; 3.º Prémio a José Joaquim Cerqueira, de Paderne, — Medalhão do Amonilaco Português, produtos e 300\$00 e ainda mais 23 prémios em produtos e dinheiro.

### Novilhas isoladas — barroca:

1.º Prémio a Joaquim Elias de Sousa, de Prado — Taça C. de Festas, produtos e 300\$00; 2.º Prémio a José Esmeraldino Gonçalves, da Vila —

Taça Café Central, produtos e 250\$00; 3.º Prémio a António do Faro, da Vila — Produtos e 200\$00 e mais 6 prémios em produtos e dinheiro.

### Raça galega — Junta de bois de trabalho:

1.º Prémio a António do N. Carvalho, da Vila — Taça Mecamil, produtos e 300\$00.

### Vacas isoladas:

1.º Prémio a Maria R. Domingues, de Prado — Taça, produtos e 300\$00; 2.º Prémio a António Enes, de Prado — Produtos e 250\$00; 3.º Prémio a Filomena Ferreira, de Paderne — Produtos e 200\$00 e mais 2 prémios em produtos e dinheiro.

### Novilhas isoladas:

1.º Prémio a Aida Vaz, de Paços — Taça, produtos e 300\$00; 2.º Prémio a Luísa Cortes, de Paderne — Produtos e 200\$00.

### Ascensão Afonso

# “Conheça Melgaço,”

(Continuação do Cap. I)

Produz bom vinho e milho e bastantes produtos hortícolas.

Tem vistas admiráveis, principalmente do alto do monte de S. Tomé, um dos principais miradouros da freguesia. Daqui têm saído alguns dos seus filhos que têm singrado na vida social e prestado grandes serviços à Pátria.

II

## COUSSO

É pela ordem alfabética, a quinta freguesia do concelho, ficando a 10 quilómetros da sede. Tinha, pelo censo de 1960, 188 fogos com 266 habitantes. Está situada na margem direita do rio Mouro, afluente do Minho. Pertenceu à comarca de Monção e concelho de Valadares até 1855, passando depois para o concelho de Melgaço. Tem por orago ou padroeiro o apóstolo S. Tomé. O prior dos cruzados de Paderne é que apresentava o cura que recebia 6.000 reis do Prior e 2.000 da comenda de S. Pedro de Riba de Mouro e o pé de altar. É terra um pouco fria. Produz milho, centeio e batata e tem alguma vinha. Compreende os lugares de Aldeia, Birtelo, Cela, Cerdeiras, Fojo, Pousada, Surribas, Tojeira, cujos habitantes emigram para França, Canadá, etc. É servida por uma estrada municipal que parte de Pomes, da E. N. n.º 202, e vai ligar à estrada de Tangil por meio de uma outra estrada florestal que passa por Badim. Precisa de ser electrificada e os seus lugares necessitam de melhores caminhos. É actualmente pároco desta freguesia o Rev.º António Esteves, natural do Telheiro, Rouças.

(Continua)

DR. ALEXANDRE AMORIM  
ADVOGADO

Herculano Lima da Silva  
SOLICITADOR

Com ESCRITÓRIO nesta vila

# CONVERSANDO

## À Saída da Missa

Então compadre, que me diz aquela aventura dos americanos que chegaram à Lua?!

— Digo-te que foi uma coisa maravilhosa! Com uma precisão rigorosa de minutos e segundos calculados com muita antecipação, o módulo lunar «Águia» pousou na Lua, às 21 h. e 16 minutos, hora de Lisboa, do dia 20 de Julho. E, na madrugada do dia 21, precisamente às 3 h. e 56 minutos de Lisboa, Neil Armstrong pisou o solo lunar, logo seguido do seu companheiro Edwin Aldrin.

— E o compadre viu?!

— Vi, Suponho que nessa noite histórica quase ninguém se deitou, por esse mundo fora. Quando pisou na Lua o seu pé esquerdo, Armstrong disse: «O passo que dei foi muito pequeno para um homem, mas foi um gigantesco salto para a humanidade».

— Mas que foram os americanos a fazer à Lua?

— Procuraram assegurar-se de que é possível ao homem atingir os outros planetas e desvendar assim melhor os segredos do universo. Lembra-te de que uma das missões destes gloriosos astronautas foi trazerem da Lua amostras do solo, sobretudo rochas para serem examinadas pelos sábios, aqui na Terra.

— E conseguiram?!

— Certamente! Encheram duas caixas com diversas variedades de rochas, depois de terem colocado na Lua uma bandeira americana e um sismógrafo.

— E para que querem os americanos lá a bandeira?!

— Ora essa!... Para ficar ali a atestar que foram eles os primeiros a chegar ao satélite da Terra!

— E o sismógrafo?

— Para se receberem dados sobre a actividade vulcânica da Lua que se supõe ser muito grande.

— E o que dizem os sábios das rochas?!

— Por enquanto ainda não sabem o que hão-de pensar, pois não foram capazes de identificar, à primeira vista, qualquer das amostras trazidas. Mas essas rochas vão agora ser postas à disposição dos sábios de todo o mundo, para que todos deem a sua opinião.

— Ena! Então os americanos não querem guardar o segredo só para eles!

— Não! Nesse ponto, são muito abertos! Querem que todos se pronunciem, porque dizem eles que a exploração da Lua é um feito de toda a

Humanidade e a todos deve interessar!

— Isso é um bom exemplo, compadre! Assim é que deviam ser tratados todos os assuntos, o paz e a prosperidade numa autêntica cooperação internacional!

— Pois era, compadre! Mas não queres tu ver que os homens andam todos entusiasmados com as conquistas espaciais e esquecem-se, lamentavelmente, de conquistar para a Terra o bem maior que todos anseiam: a paz e a prosperidade entre os povos!

— Isso é verdade, compadre!

— Tu olha, por exemplo, para a África. Lá foi agora o Santo Padre ao Uganda, levar a sua mensagem de paz... Mas que pode ele fazer num continente dividido por ódios tribais e cobiçado pelas grandes potências mundiais?!

— Estou a pensar no Biafra!...

— O Biafra é uma amostra, porque a mim não me admira que, dentro em breve, surjam outros Biafras... Tu não te lembras do que aconteceu no Katanga?!

— Pois é, compadre! Por isso os homens, embora continuando a olhar para os astros, deviam também ir pondo os olhos neste pobre planeta, onde há ainda tanto para fazer!

## Parada do Monte

10

Mais um que parte para o Hospital numa cama. Desta vez tocou ao sr. Nanuê Pires, do lugar do Coto do Paço, que teve que ir para o Hospital de S. João, no Porto. Pois esse sr. teve de ir numa cama até Pomares onde veio a ambulância do Hospital de Melgaço, para o conduzir ao Porto. Tiveram que ir oito homens para o conduzir até Pomares. Se tivéssemos a estrada já não precisávamos destes trabalhos. Até quando, destes sacrifícios!

**Festa da Senhora da Vista na Minhoteira** — Foi no dia 3 que se realizou a festa da Senhora da Vista com missa, sermão e Procissão. O sermão foi pregado pelo sr. P. de Carbalhão que, como sempre, muito agradou.

**Nascimentos** — No dia 25 deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª Maria Rodrigues, esposa do sr. Ermindo

## CONVERSANDO

## Correspondência de Cristóval

Há dias numa roda de amigos, o nosso Amigo Pires, conhecido enciclopédico desta Vila, comentava:

— Aquele sujeito, que além passa, cheio de vida, activo, ainda a sorrir para o belossexo, tem mais de oitenta anos.

Com certeza, bebe Vinho do Porto «BARROS».

Senhor António Merim, residente em CREUSOT — França, beba e ofereça aos seus amigos, Vinho do Porto «BARROS» que é o melhor.

Rodrigues, do lugar da Aldeia Grande.

— Também teve a sua delirância, a sr.ª Maria Marcília Maria Domingues, esposa do sr. Manuel Pires, do lugar do Paço.

**Partidas e chegadas** — Chegaram de França, os srs. Cesário Pires e filho, Justino Rodrigues e esposa, Manuel Esteves do Cabo, Manuel Esteves, Manuel Rodrigues, Maria Alves e filhos, Abel Pires, esposa e filhos, José Pires e esposa. Regressaram às suas casas as sr.ªs Professoras a passar as férias grandes, D. Glória de Jesus da Cunha, D. Maria Lucena e D. Maria da Conceição Domingues. De Viana, regressou a menina Maria Pires que foi fazer tratamento àquele Hospital por ter sido mordida por um escorpião. Para o Porto, seguiu o sr. Manuel Pires, do Coto do Paço, que foi receber tratamento num dos Hospitais daquela cidade.

**O tempo e a agricultura** — Tem-se andado na recolha dos fenos e há uma grande colheita. — C.

## De Paços

**Casamento** — Na Paroquial desta freguesia, consorciou-se em 10 do corrente, Alzira Monteiro, do lugar do Outeiro, por procuração, com António Conde, ausente no Brasil.

Os nossos parabéns, e desejos de felicidades.

— Também em 10 do corrente, foi baptizado um menino filho de Júlio Bailão e de Irene Mendes, a quem foi posto o nome de Júlio.

— Em 14 do corrente, realizou-se também, o casamento de Alice Cerdeira, do lugar de Sá, com António Ribeiro, de Sante — Paderne.

— Seguiu para França, Manuel da Lourenço, acompa-

Em 10 do corrente, pelas 19 horas, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, foi mandada celebrar uma missa e pregar um sermão, em honra da Virgem Imaculada, por Manuel C. Lourenço, natural de Rouças, e residente em Paços. Estes actos sagrados foram transmitidos por altifalantes, tendo comungado algumas pessoas, entre as quais, algumas crianças.

nhado de sua família, residentes em Sá.

— Tem estado de visita a seus pais a menina Judite da Ribeira, aluna de Pedagogia, do 1.º ano da E. M. Primário de Braga.

— Segue amanhã para França, onde se encontra seu marido, Elvira Alves e seus filhos, de Belego.

— De visita a sua família, está entre nós, o sr. Augusto Vaz, funcionário da Alfândega do Porto.

— Também estive junto dos seus, o sr. Rui Soares, Aleres do R. I. n.º 8, natural de Belego.

— Transitou para o 6.º ano liceal, José Afonso, e, para o 4.º também do liceu, sua irmã Maria A. Afonso, ambos filhos da sr.ª Carolina Afonso, e de seu marido sr. António Afonso, Dig.º Comandante do Posto da Guarda Fiscal desta freguesia. — C.

**Dr. Luís Domingues**  
CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º  
Tel. 29415 **PORTO**

Assine e Anuncie na  
«A VOZ DE MELGAÇO»

**Abel Augusto Vaz**  
ADVOGADO

Escritório  
Registo Civil Tel. 42240  
**MELGAÇO**

Para MALHAS e MIUDEZAS  
Prefiram o

**Armazém S. João**

Vendas por JUNTO e RETALHO

Os nossos artigos estão com preços de boas condições de aquisição pelo público consumidor

RUA FRANCISCO SANCHES, 20 — BRAGA

— Encontra-se junto de sua família, em Cevide, a menina Maria M. de Castro, professora primária em Ponte do Lima.

— Já regressou da clínica, onde esteve internada, em Braga, a sr.ª Inês de Magalhães, encontrando-se presentemente com regular saúde.

— Segundo nos informam, encontra-se com grave doença, Telmo Parámos, natural de Caldelas, Tui (Espanha), irmão dum dos genros do sr. Guilherme Ribeiro, cabo aposentado da Guarda Fiscal, desta freguesia.

— Também continua doente, piorando dia a dia, a sr.ª Ana de Barros, de 75 anos de idade, vivendo, actualmente, em companhia de seu filho Abílio, natural de Pedregal. Deus se compadeça dela. — C.

## De Rouças

10

— Temos sabido que a viagem do nosso querido pároco tem corrido bem e que muito o têm estimado.

— Em Ponte de Lima foram ordenados de Diáconos os nossos conterrâneos Júlio Nepomuceno Vaz e Manuel Rui de Castro Alves.

— A passar alguns dias de férias, chegaram de França os nossos queridos amigos Manuel António Alves e seu filho António do lugar da Igreja.

(Continua na página 7)

**MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO**  
SOLICITADOR

★  
Largo Hermenegildo Solheiro  
**MELGAÇO**

## Vende-se em Rouças

Casa de moradia e terrenos, com muita vinha.

Trata: Manuel Esteves.

Lugar da Carreira — Rouças, e informa esta Redacção.

Renovamos  
a cada dia  
a nossa tradição  
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

**BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.**

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

**PINTO DE MAGALHÃES**

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO  
Rua do Ouro, 95 — LISBOA  
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM  
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

# Diálogo e Unidade

(Continuação da 1.ª página)

Sempre foi certo e continuará a ser que a melhor forma de criticar (?), de dialogar é levar uma vida honesta, honrada, impoluta, exemplar em tudo.

A verdade e a humildade — que nos ajudam a conhecer as nossas misérias, — juntas à caridade — que não se compadece com injustiças, mas que está sempre disposta a perdoar —, farão esse grande milagre de um são convívio e de um trabalho comum a favor do progresso.

O diálogo, para ser viável e factível, tem de poder contar com interlocutores capazes de pôr em prática as qualidades que enumerámos acima, citando o Santo Padre.

Se só um dos interlocutores é pessoa digna, respeitadora, de vida impoluta, o diálogo é impossível.

Pode acontecer, como infelizmente sucede muitas vezes, que aquele que pede o diálogo, o recuse quando outros lho pedem e que o mesmo confunda diálogo com malcriadez, com desrespeito, a ponto de os valores reais e positivos estarem tão invertidos que é incapaz de ver e falar por outro prisma que não seja o da desvergonha, da mentira, da calúnia, até. Nesse caso, a pessoa chamada a diálogo (?) pode muito bem recusar-se terminantemente e fazer com que o seu desprezo absoluto seja a melhor resposta para quem, não contente com a própria miséria, quer arrastar os outros para ela a fim de averiguar quem é capaz de se tornar mais ordinário!

O mutismo, o desprezo, são formas de dialogar (?) com quem não está disposto a seguir as normas traçadas na transcrição que fizemos ao começo do presente artigo.

O corpo humano, composto de vários órgãos dos quais resulta a unidade do todo, é ameaçado, por vezes, de enfermidades. Quando é possível, o melhor remédio é a prevenção; mas quando o órgão atingido é incurável e, mais que isso, ameaça o todo, como por exemplo a gangrena, então a única solução é cortar esse órgão quanto antes, não vá ele infectar todo o corpo!

Muito de semelhante se pode passar no corpo social humano. Se alguém dos seus membros sofre de gangrena, não há mais remédio que uma operação de sutura intelectual e volitiva: a inteligência que vê onde está o mal, e a vontade que decide afastar para sempre esse mal. É isto, se quer conservar a unidade e para bem da mesma unidade!

Como é operação gratuita, é de esperar que todos os homens de boa vontade e que verdadeiramente querem dialogar, a façam, e a tempo de evitar males maiores!

## FALECEU A MÃE PIEDADE

Confortada com os últimos Sacramentos e assistida até ao último momento pelos seus dois filhos padres, faleceu no passado dia 2 do corrente mês de Agosto, pelas 10.30 horas, no lugar da Peneda, da freguesia da Gaviéria e concelho de Arcos de Valdevez, PIEDADE RODRIGUES AFONSO, de 76 anos de idade, após 6 meses de atroz sofrimento.

Com esta morte, a Peneda viveu um dos dias mais tristes da sua vida, e não só a Peneda, como toda a freguesia e tantas e tantas pessoas de perto ou de longe que no dia 4, pelas 11 horas, acorreram ao funeral daquela que todos chamavam « MÃE PIEDADE », pois a sua casa que era a do seu filho P.º Manuel José Rodrigues Afonso, Pároco da Gaviéria e Capelão do Santuário de Nossa Senhora da Peneda, era a casa de todos. A alegria com que a todos recebia, fossem sacerdotes ou leigos — e eram inúmeros os amigos de todas as classes sociais — valeu-lhe o doce nome de Mãe Piedade. Para os pobres e criancinhas foi sempre também uma verdadeira mãe. Não admira, pois, que no seu enterro vissemos chorar não só gente grande como também as próprias criancinhas inocentes.

De toda a freguesia vieram assistir ao funeral duas ou mais pessoas de cada casa, além de muitas pessoas das freguesias de Riba de Mour, Castro Laboreiro, Lamas de Mour, Fiães, Rouças, Soajo, etc., etc. E de entre tanta gente, encontravam-se muitas individualidades civis e militares, bem como todos os párocos do concelho de Melgaço, alguns do de Monção e uma representação da Sociedade Missionária Portuguesa a qual pertence P.º João Avelino Rodrigues Afonso, filho da falecida.

Além dos dois sacerdotes, P.º José Afonso e P.º João Avelino Afonso, a finada também era mãe de Manuel Adelino Afonso, comerciante e proprietário, Leonardo Afonso, guarda florestal em Monção, António Afonso, comerciante e proprietário e Maria dos Prazeres Afonso, dactilógrafa dos Serviços Florestais em Monção, e avó de 12 netos e 3 bisnetos.

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente ou mesmo por escrito a todas as pessoas amigas que vieram assistir ao funeral ou que, impossibilitadas de vir, enviaram representante, a família da saudosa extinta pede-nos que por este meio agradeçamos a atenção dispensada e pede desculpa de alguma falta involuntária.

## Professeur Ingenier J. DÉPORTES

Em viagem de rotina ao nosso país, passou há dias por esta vila, onde admirou as suas belas paisagens e tendo ao mesmo tempo visitado Castro Laboreiro, o Professeur Ingenier J. Déportes, natural de Lyon Rhone, França, acompanhado de sua esposa e filho.

Apresentamos os nossos cumprimentos.

## OS 420 CONTOS

do

2.º PRÉMIO — 18.951

Foram distribuídos na semana passada aos Balcões da

## Casa da Sorte

QUE ESTE ANO  
FEZ JÁ

## 83 Milionários

A SORTE ESTÁ SEMPRE  
NA

## Casa da Sorte

## De Rouças

(Continuação da pág. 6)

— Igualmente regressaram os queridos amigos José, Ladislau e António Domingues, do lugar da Cela.

— Para França, regressaram o sr. José Rodrigues, esposa e filhos, do lugar do Crasto.

— Tem estado algo doente o filhinho dos nossos particulares amigos João Baptista Esteves e Maria Fernandes, do lugar dos Carvalhos. Cremos que o restabelecimento será total e que seu pai poderá continuar tranquilo em França.

— Está a passar férias no lugar do Cerdedo, o sr. Cônego Luis Vaz e alguns dias também o seu irmão P.º Júlio Vaz.

— A comissão das festas de Santa Marinha levou a efeito o seu balanço final e tudo está em ordem. Os nossos parabéns e os votos de que a nova comissão, pertencente à Eira e Aldeia, realize também uma linda festa a Santa Marinha.

— Anunciaram-se algumas obras a fazer na igreja paroquial, necessitada de se adornar bem para a Missa Nova de um dos seus filhos. A todos os amigos o pedido de colaboração de sempre. As obras não se podem fazer sem o tal metal de argento!

— Decorrem os ensaios para que o côro da nossa paróquia possa participar bem na Missa Nova. E a «malta» está a render muito bem.

— Também principiou a catequese nos três centros: Igreja, Santa Rita e Cavaleiros.

— Todos ficamos radiantes com o anúncio de 21 lavadouros públicos para a nossa freguesia e o asfaltamento, por troços, da nossa estrada, que já passou à classificação de camarária. — C.

## Aproxima-se a Peneda...

Já falámos, no ano anterior, das queixas que o povo dava por causa da careza e dificuldade dos transportes para a Peneda. 15\$00 por cada viagem, num transporte público, para um percurso de 11 km. é demasiado. Além disso, as caminhetas de 42 lugares representam um contínuo perigo numa estrada daquelas e paralizam o trânsito.

Creemos que a solução adoptada no ano passado está condenada ao fracasso e ao repúdio do público.

Porque não se deixam funcionar livremente todos os táxis e carros particulares, pagando estes uma determinada taxa para obras de caridade e humanitárias do Concelho?

Esta é a solução que ouvimos propor a muita gente entendida e que, cremos, agrada ao público, pela maior rapidez e por ser também mais barata.

Oxalá sejamos atendidos!

## Aniversários

Nos passados dias 28 e 31, festejaram os seus aniversários natalícios as nossas conterrâneas meninas Maria Fernanda Ferreira do Paço e Maria de Lurdes Ferreira do Paço, filhas do nosso conterrâneo sr. Alfredo Lourenço do Paço, correspondente do «Diário do Minho» e «A Voz de Melgaço» e da sr.ª D. Perpétua da Purificação Ferreira do Paço.

\* \* \*

Também no passado dia 29, festejou o seu aniversário natalício a nossa conterrânea Professora, menina Maria da Luz Vilas, filha do sr. Arlindo Augusto Vilas e da sr.ª D. Jósina Cerdeira Vilas.

As aniversariantes desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

(1) Eclesiam Suam, União Gráfica, 1964, pág. 39.

(2) Idem, idem, págs. 42-43.

(3) » » » 44-45.

(4) » » » »

N. B. — Os sublinhados são nossos.

Carlos Nuno

## “A Voz de Melgaço,, em 1946

I

Pela Vila

No passado dia 13, deu-se na vizinha freguesia de Chaviães, uma violenta explosão na oficina dos pirotécnicos deste concelho, causando bastantes estragos e ferimentos de bastante gravidade, pelo que os três sinistrados se vieram curar ao Hospital desta Vila.

II

Talvez não saiba que...

...E que o actual chefe de Estado Italiano, de Gasperi, ainda há pouco, vivia tão parcimoniosamente que, ministro de Negócios Estrangeiros, pediu lhe adiantassem os seus vencimentos para comprar um fato...

III

Os nossos parabéns

O sr. Luis Joaquim Lopes e o sr. Martins Lourenço, distintos Sub-Chefes da P.S.P. foram promovidos a Sub-Chefes ajudantes. Os nossos parabéns.

IV

Fuga de presos

No dia 17, fugiram da cadeia alguns reclusos que para esse fim, arrombaram a parede.

V

Castro Laboreiro

Encontra-se entre nós, um Senhor engenheiro Arquitecto que está a dar os últimos retoques à casa que vai ser a sede pessoal que dirigirá os trabalhos da barragem de Castro Laboreiro.

VI

Tanque no lugar do Ramo

Por iniciativa da Junta de Freguesia, foi construído no lugar do Ramo, um tanque lavadouro, cuja falta, desde há muito, se vinha fazendo sentir.

VII

Tentativa audaciosa de assalto

Na noite de 18 para 19 de Junho, audacioso larápio tentou penetrar na residência do Dr. Julio Outeiro Esteves. Sendo, porém, pressentido pôs-se em fuga.

VIII

Ora diga-me...

...Porque será que ninguém emigra para a Rússia, assim por exemplo como quem vai para a América ou para o Brasil sacudir a tal árvore das patacas e vir por aí fora com os bolsos cheios de dinheiro... Sim, porque se na verdade, fosse um Paraíso...

(Continua)

## Cartas ao Director

# A minha resposta ao reparo feito à Nota de Redacção

N. R. — Do senhor Abel Augusto Vaz, «sem rancor», recebemos uma extensa carta que, à base do decreto lei 2008, art. 53, § 5, transcrevemos só no que diz respeito, directamente, a factos com que se julga atingido na carta do senhor P.º António Rodrigues e na N. R. do número de «A Voz de Melgaço» de 1 de Agosto do corrente ano.

Aliás o próprio autor da carta o propõe nestes termos:

..... «Isto posto vamos aos factos.

Em 11 de Maio findo, Notícias de Melgaço, por informação proveniente dos Bombeiros Voluntários, deu nota dum oferta de 500\$, feita pelo Sr. P.º António Rodrigues por intermédio do Sr. P.º Manuel Bento.

Precisamente nessa data assumimos nós, interinamente, a Direcção daquele jornal.

Ora, tal notícia veio a ser desmentida, em 16 de Junho, pelo Sr. P.º António.

Por se tratar dum simples informação, sem outra garantia de autenticidade que não a derivada da sua origem, era a Direcção de Notícias de Melgaço a única entidade responsável pela sua publicação. Por isso, ante a sua averiguada e comprovada veracidade e a sem-razão do desmentido, fez acompanhar este dum nota explicativa dos factos.

Nem ofendeu, nem mentiu. Ficou isso já provado em Tribunal. Apenas relatou factos na crueza da sua triste realidade.

..... Agindo assim, nem fomos «intrusos», nem invadimos serra alheia.

Frisa-se, aliás, que o Sr. P.º Manuel Bento, intermediário na oferta, nada teve com a notícia. Carecia, consequentemente, de legitimidade para a vir defender.

Também diz o Sr. P.º António que se a reparação era gratuita, nada havia a pagar e, assim, não havia troca. Em seu entender, portanto, quando se dizia para dispor do troco, porque este não existia, não se podia dispor de coisa alguma.

Isto estaria certo se o Sr. P.º António não soubesse, de antemão, que a reparação tinha sido gratuita. Porém, temos frente aos nossos olhos uma carta sua, onde expressamente confessa que o próprio mecânico que arranjou o carro lhe confidenciou que não levava nada pela reparação, que tinha sido feita gratuitamente.

Deste modo, sabendo, como perfeitamente sabia, que a reparação tinha sido gratuita, para que enviou o cheque, senão com a finalidade de dispor dele? Sabendo, repisamos, que a reparação foi gratuita, como entender a palavra «troco» usada na carta, senão referindo-se à quantia total? A que título ou em que outro sentido se podia falar em «troco»?

Porque não aplica o Sr. P.º António à sua carta, a lógica que explana no seu artigo? Não reparou que foi a lógica da sua carta, que a Direcção de Notícias de Melgaço, aplicou para interpretar e entender, como já o tinha feito o Sr. P.º Bento? Não se apercebe que, sendo do seu conhecimento que a reparação tinha sido gratuita, ao enviar 500\$,

com a afirmação de que se desse ao troco o destino que aprouvesse, não podia senão querer significar que dispusesse da totalidade dessa quantia? Será capaz de nos encontrar interpretação mais coerente?

Interpretar de maneira diversa a sua carta e as nossas palavras, perante a prévia certeza de ambos de que a reparação tinha sido gratuita, não é boa lógica...

A menos — e essa hipótese não pusemos — que o Sr. P.º António tão só quisesse brincar aos cheques com o colega... Se assim foi, perdeu o cheque...

Isto para não falar no nunca desmentido acordo que no momento do acidente fizeram de, cada um, reparar o seu automóvel.

.....  
.....  
Sem rancor.

Abel Augusto Vaz

.....  
.....

P. S. da Redacção — O sr. Abel Augusto Vaz, referindo-se a uma sentença judicial, escreve na carta que nos enviou: «Essa sentença veio demonstrar iniludivelmente que a Direcção do «Notícias de Melgaço» não ignora as normas que regem a imprensa».

Respeitamos as decisões legais, mas outrotanto não podemos dizê-lo dos comentários que os estranhos lhes fazem.

Se o sr. A. A. V., no caso com o sr. P.º António toma «normas, por lei de imprensa» não deveria se a conhecesse, ter de repetir a publicação do «Desmentido» de 22 de Junho, que não corrigiu no número imediato.

Se toma «normas» como «ética de imprensa», não devia esperar que o atingido lembrasse o desmentido, até para que os leitores admirassem a nobreza de carácter das partes em causa.

O sr. A. A. V. escreveu, há tempos, no seu jornal, sobre a «dignidades, que preside à recusa da publicação de «O meu reparo a alguns articulados da Nota da Redacção».

Porque a precisão ainda não saiu do adro, já sabemos que o sr. P.º António foi ameaçado com a publicação de um documento «comprometedor» para a sua família, caso insistisse na publicação da referida resposta.

Era esse documento, que o sr. P.º António esperava, antecederse a presente carta do sr. A. A. V.

## Festas do Concelho

Decorreram com grande solenidade e seguindo escrupulosamente o programa traçado, as festas do nosso Concelho.

Pontos salientes foram: o concurso pecuário, a procissão, os concertos musicais, os ranchos e as variedades. Também foram grandiosas as sessões de fogo, tanto a do meio-dia como as da noite.

Foram muitas as pessoas que acorreram a viver alguns momentos de alegria na nossa terra, e, entre elas, várias da Nação vizinha.

As decorações foram primorosas.

Os nossos sinceros parabéns à Comissão, e os votos de que a nova Comissão possa levar avante as festas do próximo ano, e ainda com mais brilho, se possível.

Assine, Anuncie e Propague  
«A Voz de Melgaço»

# Reparo à Nota de Redacção

de 6 Julho de 1969 do jornal «Notícias de Melgaço»

Foi por delicadeza que pedi ao director-interino do Jornal «Notícias de Melgaço», a publicação do meu «Desmentido» no mesmo local da notícia que o provocou.

Foi satisfeito o meu pedido em 6 de Julho do ano em curso.

Não exigi. Se exigisse, usava de um direito. A lei é clara. Não fez falta apelar para o direito.

Obrigado, director-interino.

\* \* \*

O Sr. A. V. — o Sr. Dr. Abel Vaz — em 4 de Maio deste ano escreveu:

«Notícias de Melgaço jamais será lugar para extravasar ódios ou lavadouro de roupa suja...» (1).

Orientação limpa. Muito bem.

Disse ainda: «Notícias de Melgaço terá como ambição primeira a doutrinação e consciencialização de todos os Melgacenses... através de artigos de fundo, editoriais ou outros (sic)...» (1).

Como se vê, orientação útil. Ora orientação limpa, mais orientação útil é igual a boa orientação.

«Aos colaboradores — escreve ainda o Sr. A. V. — uma exigência apenas, que venham até à «Gráfica» de alma lavada e espírito construtivo» (1). Os sublinhados são nossos.

Muito bem, muito bem, senhor director-interino!...

Mas, (o fatídico mas...), o Jornal descarrilou e anda descarrilado.

Basta lê-lo, para se verificar com clareza meridiana a veracidade desta afirmação. Que pena!... Até o articulista da N. da R. fez do Jornal um lavadouro.

E, como os articulados não trazem o nome do autor, são da responsabilidade do director-interino, que está em contradição consigo próprio.

Que trágico descarrilamento!...

E para cúmulo do homem que traçou para o Jornal um rumo tão bonito!...

Quanto à doutrinação prometida, nada ou quase nada até agora.

Sr. A. V., como homem «de alma lavada e espírito construtivo» — tem que ter o que exige aos colaboradores — respeite o seu dr. e cumpra o prometido. O prometido é devido.

O sr. vai cumprir. Faça obra de saneamento.

Carrile o seu Jornal e não deixe que colaboradores, «descarrilados», o transformem num pasquim.

Respeite-lhe o passado: «lançou sempre a boa semente» (1). Acusa-me o autor da N. da R. de «...por divergências mesquinhas ou politiquices de repudiado tomar atitudes logicamente discordantes ou incongruentes (sic)...».

Respondo:

1.º — «Acha que o seu «cliente», procedeu como verdadeiro amigo, dando aos 500\$ o destino que sabemos?»

Os amigos de Peniche — sem que queira concretizar o vocabulo — não são amigos, e os amigos verdadeiros não procedem assim!...

Que há por detrás de tudo isto? Eu sei. Muita gente sabe.

2.º — Há divergências, há, sim senhor, e, portanto, há atitudes discordantes. Aqui há lógica, e da boa.

Onde há divergência, há desacordo, onde há desacordo, há divergência. C'est une Verité de Monsieur de La Palice.

A minha atitude é, realmente, discordante da do seu «cliente» e a do seu «cliente» discordante da minha.

E, facto curioso, mas de lamentar numa pessoa com um curso superior: critica-me a mim por discordar do «cliente» e porquê não critica o «cliente» por discordar de mim?

O seu «cliente» foi quem deu motivo à discordância e o primeiro a discordar, senhor articulista!...

As divergências não são mesquinhas, são graves e tão graves que eu nunca poderei estar de acordo. O sr. sabe a que me obrigaria o acordo? Não sinto o remorso.

3.º — Não fiz politiquices: desmenti, apenas, uma notícia

que não corresponde à verdade.

Nada mais. E não haverá politiquice na notícia que provocou o «Desmentido»?

Há, em quase toda a parte, pessoas que sofrem das «maleitas» da politiquice. São elementos de discórdia e de desunião. Criticam por sistema. Não sabem construir. Manejam as armas da intriga e da calúnia. Fazem fogo de emboscada. A velhacaria é o seu forte. A cobardia, a «virtude» que os distingue. Conhece-os?

Conhecem-se pelos frutos. «Consta» que elementos desses actuaram, há tempos, em «duo» numa sessão de noite e em «trio», «duo» e «uno» em sessões de tarde.

«Consta» que, um dos grupos, levava «Kapelan».

Também «consta» que, ultimamente, e algures, se organizaram em grupo, a que deram o pomposo nome de «Os Politiquicos».

Sr. articulista, não dispare contra mim o arcabuz. Seja justo. Não mereço castigo tão severo. Vire-o antes contra os politiquicos e reduza-os ao silêncio — a bem da paz — com uma arcabuzada certa.

Fará obra de saneamento, obra limpa e construtiva.

Fica o pedido nas suas mãos de jornalista.

O Concelho ficar-lhe-á agradecido.

P. S. — Tenha cuidado que lhe não saia o tiro pela culatra.

2 P. S. — Olhe, já sabe o que significa a palavra troco?

Explicação: O termo «cliente» não é usado em sentido pejorativo, e não implica que haja procurador legal.

(1) Do artigo sob a epigrafe «Gráfica Melgacense, Lda» de 4 de Maio de 1969, assinado por A. V.

A. Rodrigues

## GRALHAS

Saíram em «O meu reparo a alguns articulados da Nota de Redacção», as seguintes: Deve ler-se «refiro-me» em vez de «refere-se»; a seguir à frase: «O autor é um intruso» deviam figurar dois pontos «:» e não ponto e vírgula, pois que, segundo as regras gramaticais, os dois pontos significam que o que se segue esclarece o anterior, isto é; «intruso»: meteu-se onde não era chamado».

Saui ainda «degladlar-nos» e deve ler-se «digladiarmo-nos». Faltou, depois, toda uma frase que corta força à argumentação. Deve ler-se assim: «Consta» que, há tempos, um doutor de Melgaço, para os lados de Viana do Castelo, esbarrou o seu carro contra o camião e que o mesmo esbarrou outro carro contra uma árvore. O camião vê-se melhor que um carro ligeiro; é maior. Apesar disso... Negligência? Imperícia? O carro pequeno, contra o qual embati, estava dentro da faixa de rodagem e rodava no mesmo sentido; a árvore estava fora dessa faixa. Apesar disso... Imperícia? Negligência?

A última gralha, e já chegam, é que deve escrever-se «colação» e não «colacção».